

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA

STÉFANY PEREIRA

**O MACHISMO NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE SEIS MULHERES TORCEDORAS
DA DUPLA GRENAL**

ERECHIM

2022

STÉFANY PEREIRA

**O MACHISMO NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE SEIS MULHERES TORCEDORAS
DA DUPLA GRENAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Geografia na Universidade Federal da
Fronteira Sul, *campus* Erechim.

Orientadora: Professora Dr^a Paula Vanessa de Faria Lindo

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pereira, Stéfany

O machismo na trajetória de vida de seis mulheres torcedoras da dupla grenal / Stéfany Pereira. -- 2022. 87 f.:il.

Orientadora: Doutora em Geografia Paula Vanessa de Faria Lindo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Geografia, Erechim, RS, 2022.

1. Geografia do gênero e sexualidade. 2. Futebol. 3. Machismo. 4. Trajetórias. 5. Mulheres. I. Lindo, Paula Vanessa de Faria, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

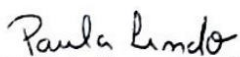
STÉFANY PEREIRA

**O MACHISMO NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE SEIS MULHERES TORCEDORAS DA
DUPLA GRENAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 31 de março de 2022.

Banca examinadora:



Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo – Orientadora



Profa. Ma. Talita Fernandes Gonçalves (UFFS) – Avaliadora



Prof. Dr. Everton de Moraes Kozenieski(UFFS) – Avaliador

Dedico a meu pai Antonio (*in
memoriam*). Obrigada por me fazer amar
o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre
incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, por ter sido minha base nesse período de graduação e na vida. A minha mãe, te agradeço imensamente por todos os esforços e pela presença constante, mesmo que quilômetros nos separem. A minha irmã por ter sido minha rede de apoio. A meu pai (*in memoriam*) por ter sido um grande metalúrgico e que a sua vida dedicou a esse trabalho, além de ter me ensinado amar o Grêmio na mesma proporção que você amou. Amo incondicionalmente vocês!

A Universidade Federal da Fronteira Sul por ter sido meu espaço de descobertas e aprendizado.

Ao curso de Geografia, a todos e todas professores e professoras que compõem essa ciência.

Aos programas de incentivo e fomento a educação, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência e Programa Residência Pedagógica, onde fui bolsista e aprendi, ouvi e compartilhei saberes e experiências.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Cristo Rei, onde fiz estágio não-obrigatório e ali construí meu ser docente, mas principalmente humano.

A minha orientadora Prof. Dr^a Paula Vanessa de Faria Lindo pela orientação e auxílio.

A Mariana Farina que foi minha dupla em toda faculdade, dupla para além dos meios acadêmicos.

Ao Luis Guilherme por ter sido simplesmente um apoio gigantesco, mesmo quando a pandemia nos separou por quilômetros. Agradeço a Geografia por permitir esse encontro secular.

Ao Marco Wesley por ter sido sempre um grande amigo e apoio, e principalmente minha dupla de projetos na escola.

A Flávia, Lucas e Bruna. Obrigada pela amizade de vocês, agradeço imensamente a Erexim por ter me proporcionado esse vínculo.

A Maria, Isabel, Joana e Suélly. Amizades que carrego comigo desde a infância e adolescência e que são essenciais na minha vida. Vocês são mulheres maravilhosas.

Ao Samuel por me apoiar e acompanhar todo processo de escrita e não medir esforços para me ver bem.

A todas amigas que criei através da Geografia e pela vida, obrigada!

As minhas entrevistadas, obrigada por terem topado fazer parte da minha pesquisa. Os relatos de vocês foram importantíssimos, além de também ter me permitido conhecer pessoas tão incríveis quanto o amor pelo futebol.

Ao Grêmio, simplesmente não seria quem sou sem ele e sem o futebol.

A todos (as) aqueles e aquelas que fizeram parte e mesmo assim não mencionei por algum esquecimento, desculpas e agradeço imensamente por tudo.

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada. Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros. É raro o torcedor que diz: “Meu time joga hoje”. Sempre diz: “Nós jogamos hoje”. Este jogador número doze sabe muito bem que é ele quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música. Quando termina a partida, o torcedor, que não saiu da arquibancada, celebra sua vitória, que goleada fizemos, que surra a gente deu neles, ou chora sua derrota, nos roubaram outra vez, juiz ladrão. E então o sol vai embora, e o torcedor se vai. Caem as sombras sobre o estádio que se esvazia. Nos degraus de cimento ardem, aqui e ali, algumas fogueiras de fogo fugaz, enquanto vão se apagando as luzes e as vozes. O estádio fica sozinho e o torcedor também volta à sua solidão, um eu que foi nós; o torcedor se afasta, se dispersa, se perde, e o domingo é melancólico feito uma quarta-feira de cinzas depois da morte do carnaval. (GALEANO, 2004, p. 14/15)

RESUMO

Quando pensamos em futebol, nossa primeira memória nos remete ao Brasil, a ser o país que carrega o título de país do futebol. Esse espaço e território tão abrangente, em um eterno processo de (des)construção e de participação cada vez mais efetiva de grupos invisibilizados, carrega inúmeros e inúmeras brasileiros e brasileiras que se identificam fervorosamente com essa paixão nacional de torcer e amar o esporte. A participação de grupos subalternizados, como das mulheres na construção do esporte é pouco ou nada documentada. Ao longo da história, houve um afastamento significativo e uma proibição efetiva nesses momentos do esporte. Ao longo do século, com a ajuda do feminismo, as mulheres foram sendo visibilizadas e foram lutando para estar presente no espaço designado como masculino, seja como jogadora, torcedora ou tantas outras formas de estar se fazendo aliada a esse fenômeno. Buscamos nesse trabalho compreender como as estruturas e bases machistas de nossa sociedade se manifestam nas trajetórias de grupos de mulheres (de idade, etnia, orientação sexual distintas) torcedoras que fazem parte do universo futebolístico do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Sport Club Internacional. Afim de responder essa problemática, buscamos bibliografias das áreas de Geografia, Gênero e Futebol. Aliado a isso, a metodologia desse trabalho final conta com entrevista e a técnica de representação cartográfica *Relief Maps* e análise de conteúdo. A importância de discutir esse tema se dá afim de entender através das mulheres torcedoras, como é percorrer e habitar o espaço do futebol construído como masculino. Além disso, é fazer com que cada vez mais as mulheres estejam habituadas e inseridas nesses espaços de estigma masculino, com uma maior proteção, segurança e respeito, e que possa auxiliar em certa medida com uma construção de uma ciência geográfica moderna e feminista, fazendo com que esse tema se faça presente cada vez mais.

Palavras-chave: Geografia do Gênero e sexualidade. Futebol. Machismo. Trajetórias. Mulheres.

ABSTRACT

When we think about soccer, our first memory takes us back to Brazil, to being the country that carries the title of a country of soccer. This space and territory so comprehensive, in an eternal process of (de)construction and increasingly effective participation of invisible groups, carries countless and countless Brazilians who fervently identify with this national passion to support and love the sport. The participation of subordinate groups, such as women, in the construction of sport is little or not documented. Throughout history, there has been a very significant departure and an effective ban at these moments in the sport. Throughout the century, with the help of feminism, women were made visible and fought to be present in the space designated as masculine, whether as a player, supporter or many other ways of being allied to this phenomenon. In this final paper, we seek to understand how the sexist structures and bases of our society are manifested in the trajectories of women groups (of different age, ethnicity, sexual orientation) who are part of the football universe of Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and Sport Club Internacional. In order to answer this problem, we searched for bibliographies in the areas of Geography, Gender and Soccer. In addition, the methodology of this final paper includes interviews and the Relief Maps cartographic representation technique and content analysis. The importance of discussing this topic is given in order to understand through the women supporters, what it is like to go through and inhabit the soccer space built as masculine. In addition, it is to make women more and more accustomed to and inserted in these spaces of male stigma, with greater protection, security and respect, and that can help to some extent with the construction of a modern and feminist geographical science, making this theme more and more present.

Key words: Gender Geography. Soccer. Male Chauvinism. Journey. Women.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
FIFA	Federação Internacional de Futebol

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa conceitual.....	26
Figura 2 – Criar projeto no <i>site</i> da metodologia <i>Relief Maps</i>	30
Figura 3 – Criação da conta.....	30
Figura 4 e 5 – Identificação do(a) autor e do projeto.....	31
Figura 6 – Categorias do <i>Relief Maps</i>	31
Figura 7 – Lugares previamente selecionados.....	32
Figura 8 – Identificação.....	32
Figura 9 - Exemplo de <i>Relief Maps</i> representado pela autora.....	34
Figura 10 – <i>Relief Map</i> da entrevistada número 1.....	58
Figura 11 – <i>Relief Map</i> da entrevistada número 2.....	60
Figura 12 – <i>Relief Map</i> da entrevistada número 3.....	62
Figura 13 – <i>Relief Map</i> da entrevistada número 4.....	63
Figura 14 – <i>Relief Map</i> da entrevistada número 5.....	65
Figura 15 – <i>Relief Map</i> da entrevistada número 6.....	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Produção sobre o tema futebol na Geografia.....	22
Gráfico 2 - Produção acadêmica sobre futebol nas universidades brasileiras.....	23
Gráfico 3 - Palavras-chaves que mais se repetiram.....	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Filtros utilizados e dados encontrados.....	19
Tabela 2 - Filtros utilizados e dados encontrados.....	20
Tabela 3 - Questões alinhadas conjuntamente a seus objetivos.....	27
Tabela 4 – Exemplo de codificação.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
	Percurso metodológico da pesquisa.....	19
2	O ESPAÇO DO FUTEBOL: PARTICIPAÇÃO E INSERÇÃO DAS MULHERES	38
2.1	FUTEBOL NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CLUBES GRÊMIO <i>FOOTBALL</i> PORTO-ALEGRENSE E <i>SPORT CLUB</i> INTERNACIONAL.....	46
3	GEOGRAFIA E GÊNERO	51
4	LUGARES E PERFORMANCE DAS MULHERES TORCEDORAS DA DUPLA GRENAL.....	57
4.1	<i>RELIEF MAPS</i> DAS TORCEDORAS.....	57
4.2	ANÁLISE DOS RELATOS: ENTRE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA PELA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DO GÊNERO.....	68
4.3	ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE A – Trabalhos listados através da pesquisa do termo futebol....	85
	APÊNDICE B – Termo de esclarecimento	86
	APÊNDICE C – Perguntas da entrevista.....	86

1 INTRODUÇÃO

Sou uma mulher cisgênero, torcedora gremista que vivo o futebol desde 1997. Meu pai foi o grande influenciador para que eu pudesse construir essa história. Sempre gostei de futebol e de jogar bola, participei dos times de futsal e outros esportes nas escolas onde estudei, período que compreendeu os anos de 2010 a 2015 e conquistei medalhas e campeonatos, e fui construindo comigo o amor pelo futebol e principalmente ao clube no qual eu torço. Não conseguia diferenciar os papéis de gênero naquela época, até porque não tinha acesso a tais informações, porém achava desconfortável o confronto e conflitos vivenciados por mim e outras meninas que gostavam de futebol, principalmente quando éramos postas em situações de comprovação do sentimento do torcer e gostar do esporte.

No período da adolescência assisti jogos em bares na minha cidade natal destinados ao clube em que torço. Sempre fui acompanhada de amigos e amigas e não tive a vivência/oportunidade de frequentar estádio para assistir jogos, pois a logística é péssima para quem mora no interior do estado, a cidade onde morava fica a 300 km de distância de Porto Alegre, dificultando o acesso ao estádio. Então, fui construindo minha história do torcer de longe, principalmente pela televisão e em conversas com amigos.

Quando me tornei adulta, entendi que o futebol não era um *hobbie*, mas sim algo que já estava enraizado dentro de mim. Ingressei na universidade, *campus* Erechim em 2017 e conheci pessoas que gostavam de futebol, mas de certa forma, poucas mulheres faziam parte desse movimento. Eu me questionava onde as torcedoras poderiam estar e por que não eram tão “visíveis”.

Em 2018, decidi que seria interessante pesquisar futebol na Geografia, mas não sabia como. Observar e compreender as relações socioespaciais a partir das questões gênero aconteceu em 2018, quando ingressei no Programa Institucional de Iniciação à Docência, o PIBID. Se discutia nos espaços acadêmicos, na *internet* e no PIBID o conceito de gênero, até que resolvi dar uma atenção especial ao tema e produzi um trabalho com algumas colegas e gostei. Então, havia dois temas (futebol e gênero) que me interessavam, mas ainda não havia feito uma conexão entre ambas, até o dia em que tive a disciplina optativa de Geografia e Gênero em 2020, no qual fomos desafiados a elaborar um *podcast*. Realizei uma entrevista com uma amiga, que gosta de futebol e elaborei perguntas para orientar nosso diálogo e ali surgiu algo que poderia ter continuidade. Surgiram indagações que poderiam ser respondidas com pesquisa. Uma temática interessante para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso (TCC): Futebol, história de torcedoras e machismo.

Quando comecei a escrever e delimitar o projeto na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I em 2021, meu pai faleceu. Foi algo que me balançou de muitas formas e quis trancar o curso, voltar para minha cidade e principalmente desistir do tema no qual havia escolhido, pois cada vez que vejo a palavra futebol lembro do meu pai. Decidi não desistir, porque o futebol me mantém viva, assim como mantinha meu pai, que torceu, amou, sentiu raiva e vibrou em seus 65 anos de vida com o futebol, e principalmente com o Grêmio. Manter esse tema é uma forma me reconectar com meu pai. Então, dessa forma, quis compreender como o futebol adentrou e permaneceu na vida das torcedoras da dupla Grenal e principalmente como as mesmas enfrentaram o machismo em suas vidas.

Pensar sobre o lugar da mulher em uma sociedade patriarcal, levanta algumas questões relacionadas ao universo do futebol que nos levou a pensar e elaborar esse Trabalho de Conclusão de Curso. Ouvimos o relato de quem frequenta espaços pré-concebidos como masculinos, como: os estádios, os bares (nos dias de jogos), as ruas do entorno do estádio em dia de jogo, casa de amigos e familiares, suas próprias casas e outros que são afins ao meio esportivo.

Buscamos identificar e compreender: i) onde e aonde estão/estavam as mulheres na construção da história do futebol; ii) como é torcer; iii) como foi/é suas trajetórias desde a primeira inserção com o futebol até os dias atuais. Perguntas nos orientaram na elaboração do objetivo principal desta pesquisa: identificar em um grupo de seis mulheres de idade, sexualidade, renda e etnia diferentes, torcedoras da dupla Grenal, as formas e conteúdo do machismo vivenciado por elas.

Para alcançar o objetivo, as “metodologias feministas” mais os procedimentos metodológicos dessa pesquisa, ajudaram a representar as mulheres torcedoras de futebol. Para tal, elaboramos entrevistas (semi-estruturadas) e da técnica de mapas *Relief Maps*. Silva, Ornat e Chimin Jr. (2011) explicitam que quando se trabalha com gênero e Geografia, é importante superar dificuldades metodológicas. Para os autores (2011, p. 31) “gênero, enquanto um conceito representação, define-se num contexto de relações socioespaciais processualmente reelaboradas, compostas por seres multi-identitários”. Portanto, buscamos desenvolver metodologias que desloquem o foco do domínio/prática masculina para revelar as situações e perspectivas das mulheres no futebol.

Referências teóricas como Giulianotti (2002), Trevisan (2019), Bresque (2020), Campos (2006) e Teixeira (2016) foram a base para discutir o futebol. O estudo da obra de Doren Massey (2008) foi fundamental para compreensão do espaço. Por meio dos estudos de Butler (1988), Scott (1995), Silva e Ornat (2020) e Silva (2009) o conceito de Gênero ficou

mais claro. Rodó-De-Zárate (2014) para o desenvolvimento do *Relief Maps* para estudar as desigualdades socioespaciais na perspectiva da interseccionalidade, em três dimensões: a dimensão social (posições e identidades de gênero, classe social, etnia, idade, etc.) e geografia (lugares em vida diária). E, para compreensão da análise de conteúdo das entrevistas, Bardin (1977).

A seguir apresentamos o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O machismo na trajetória de vida de seis mulheres torcedoras da dupla grenal”, que foi desenvolvido entre os meses de novembro a março de 2022. Ele está dividido em: Introdução; Capítulo 1 intitulado como “O espaço do futebol: participação e inserção das mulheres”; subcapítulo “Futebol no Brasil: Contextualização dos clubes Grêmio Football Porto-alegrense e Sport Club Internacional”; Capítulo 2 intitulado como “Geografia e gênero” e capítulo três “As seis mulheres torcedoras da dupla Grenal” e subcapítulos intitulados como: *Relief Maps* das torcedoras; análise dos relatos: entre convergência e divergência pela perspectiva da Geografia do Gênero e análise de conteúdo, respectivamente. Considerações finais, referências bibliográficas que deram o suporte teórico dessa pesquisa e apêndices A, B e C.

Percurso metodológico da pesquisa

Essa parte destina-se a descrição de como se deu todos os processos e passos metodológicos dessa pesquisa. Inicialmente, questionamos como a Geografia trabalha o tema do futebol e quantas produções acadêmicas teriam sido desenvolvidas na área. Com isso, a parte preliminar foi identificar na plataforma da Capes Dissertações e Teses a quantidade de trabalhos feitos sobre o tema. Dessa forma, foi atribuído critérios de seleção para essa pesquisa, sendo eles:

- 1) Primeiro passo: acessar o portal mediante o link (<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>).
- 2) Segundo passo: utilizar a barra buscar para procurar os termos que acha necessário para pesquisar o que deseja, nesse caso foi utilizado alguns termos, sendo o primeiro deles “torcedora¹”. A partir da busca foi encontrado 18 arquivos.
- 3) Terceiro passo: aplicação dos critérios de seleção.

Tabela 1: Filtros utilizados e dados encontrados.

Tipo	Dissertação/Tese
Ano	2010-2019
Grande área	Ciências humanas: Resultou em 9 arquivos
Área de conhecimento	Geografia: não obteve resultados Sociologia: 4 resultados História: 2 resultados Psicologia: 2 resultados Educação: 1 resultado

Organização²: Pereira, 2022.

¹ A pesquisa do termo “torcedora” foi realizada no dia 25 de março de 2021.

² Organização de autoria própria.

Segundo termo pesquisado foi “futebol”³. A partir da busca foi encontrado 1.756 arquivos.

Tabela 2: Critérios de seleção utilizados e dados encontrados.

Tipo	Dissertação/Tese
Ano	2010-2019
Grande área	Ciências humanas: Resultou em 34 arquivos
Área de conhecimento	Geografia

Organização: Pereira, 2022.

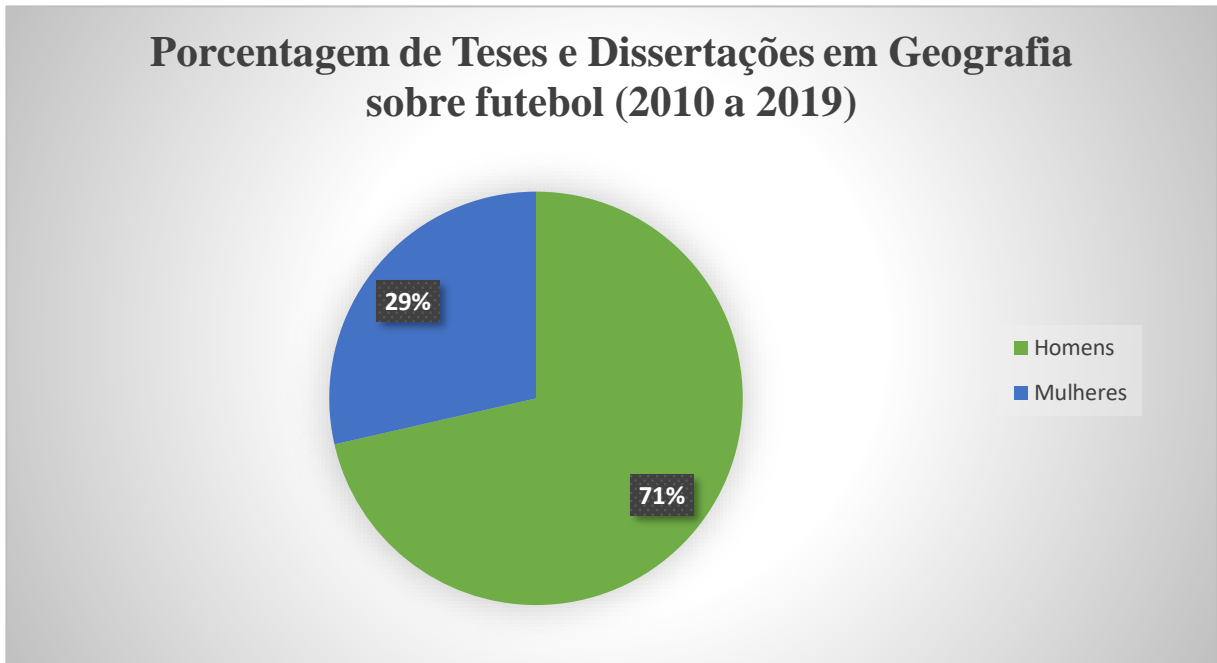
Após a aplicação dos critérios mencionados na tabela 2, totalizou 34 resultados. Desses 34, apenas 21 trabalhos têm relação com o termo pesquisado (ver apêndice A). Destacamos em planilha excel (fragmentamos e disponibilizamos no apêndice A) os seguintes pontos: 1) Nome autor (a); 2) Título; 3) Dissertação ou Tese; 4) Universidade; 5) Cidade/Campus; 6) Ano de conclusão; 7) Palavras-chaves (quantas tivessem); 8) Orientador(a); 9) Membro banca (quantos tivessem); 10) Universidade e 11) Cidade/*Campus*.

Após a sistematização dos dados na planilha, observamos algumas características. Dos 21 trabalhos destacados, 15⁴ foram elaborados por homens e 6 por mulheres.

³ A pesquisa do termo “futebol” foi realizado na data de 25 de março de 2021.

⁴ Desses 15 trabalhos identificados e realizados por homens, dois nomes se repetem visto que a autoria está relacionada a também dissertação e teses.

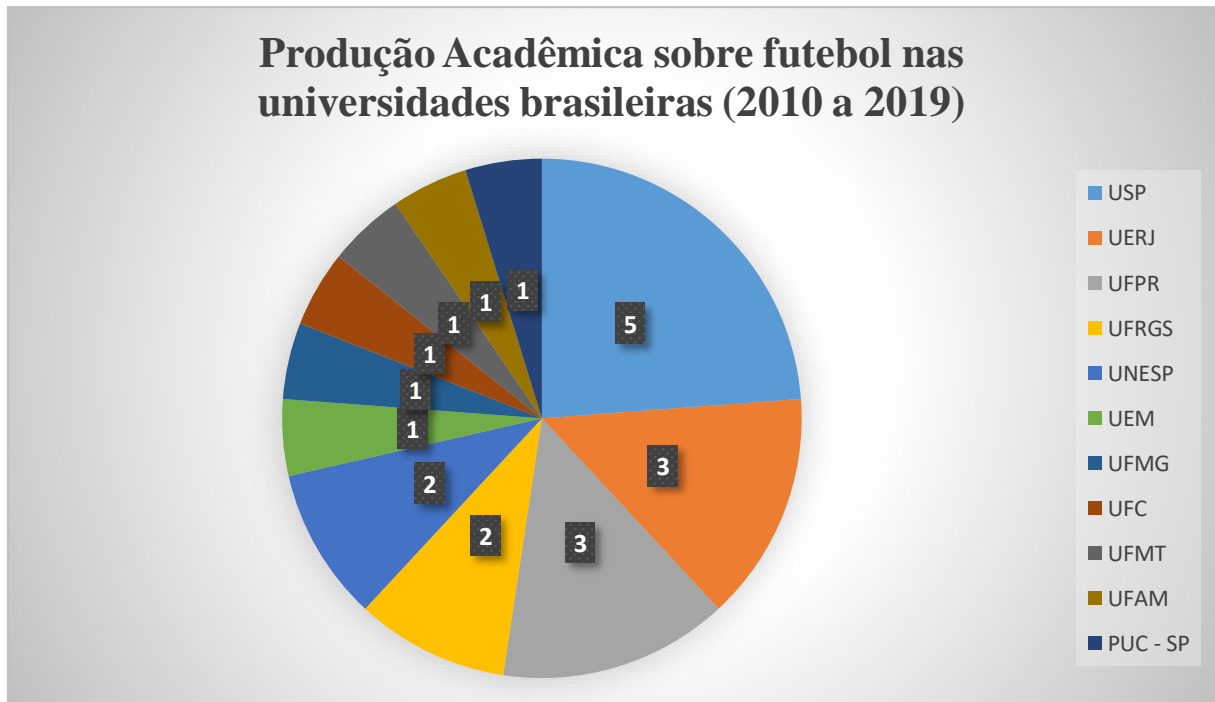
Gráfico 1: Produção sobre o tema futebol na Geografia de 2010 a 2019.



Organização: Pereira, 2022. Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, 2021.

Outro ponto a ser considerado é onde esses 21 trabalhos foram pesquisados. De acordo com a busca, a universidade que mais concentrou trabalhos, foi a Universidade de São Paulo, USP com 5 trabalhos; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ com 3 trabalhos; Universidade Federal do Paraná, UFPR com 3 trabalhos; Universidade Estadual Paulista, Unesp de Rio Claro com 2 trabalhos; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS com 2 trabalhos; Universidade Estadual do Maringá, UEM; Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG; Universidade Federal do Ceará, UFC; Universidade Federal do Mato Grosso, UFMT; Universidade Federal do Amazonas, UFAM e Pontífica Universidade Católica de São Paulo respectivamente com 1 trabalho cada. Além do mais, a produção acadêmica sobre futebol majoritariamente está concentrada nas universidades públicas. Destas listadas, apenas um trabalho se concentra no ensino privado. Segue abaixo gráfico 2.

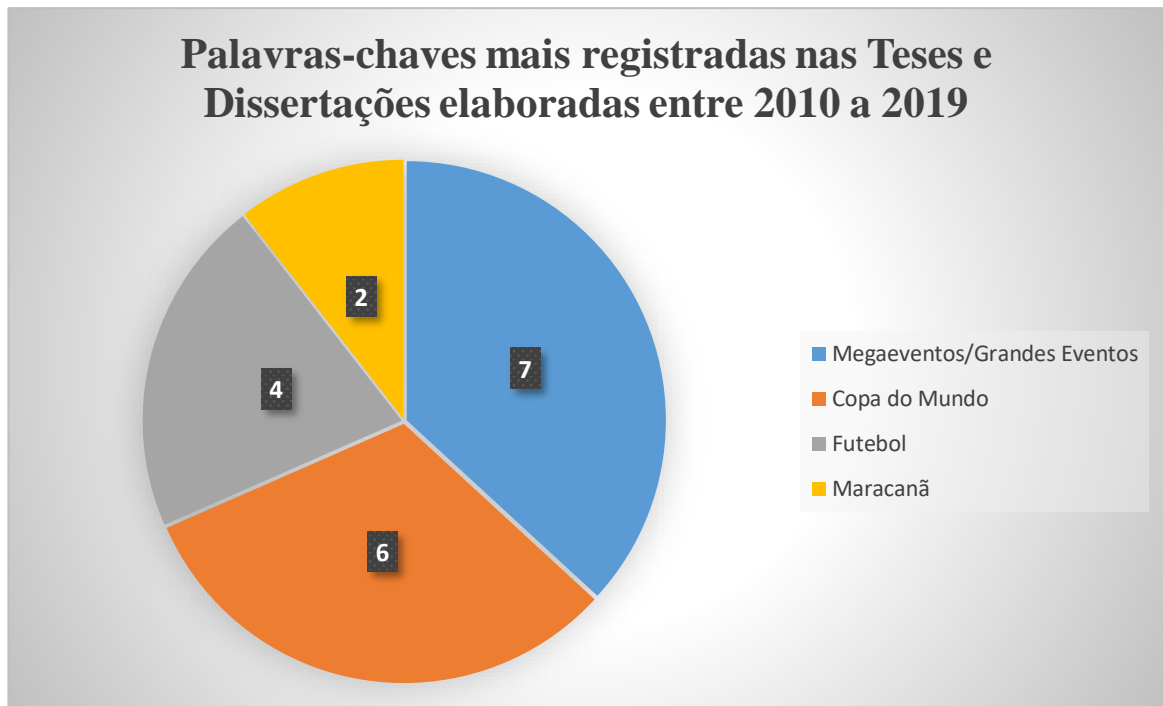
Gráfico 2: Produção acadêmica sobre futebol nas universidades brasileiras.



Organização: Pereira, 2022. Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, 2021.

As palavras-chaves que mais apareceram e se repetiram nos trabalhos foram: 1) Megaeventos/Grandes eventos com 7; 2) Copa do Mundo com 6; 3) Futebol com 4; 4) Maracanã com 2; 5) Produção do Espaço com 2. De forma geral, o que se compreende a partir desses dados coletados é que grande parte dos trabalhos destacados foram desenvolvidos na perspectiva de compreender as influências da Copa do Mundo de 2014 que aconteceu no Brasil, principalmente no que diz respeito a mobilidade urbana e a questão dos megaeventos. Analisando com mais detalhes esses trabalhos destacados, o que vários abordaram era como os eventos esportivos podiam mudar locais da cidade a partir dos grandes investimentos feitos para construções de estádios para a Copa. Dos trabalhos coletados a partir da busca feita no portal, nenhum relacionava Gênero, Futebol e Geografia. Abaixo o gráfico 3.

Gráfico 3: Palavras-chaves que mais se repetiram.



Organização: Pereira, 2022. Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, 2021.

Após essa pesquisa de caráter exploratório e de análise inicial, desenvolver esse trabalho tornou-se ainda mais pertinente, visto que não havia nenhum trabalho que tenha correlacionado gênero e futebol nas teses e dissertações com os critérios de seleção utilizados. Logo, essa pesquisa se justifica através de três pontos principais:

1) Pela importância e relevância de abordar e debater esse tema, que permite questionar os padrões impostos socialmente há séculos entre as relações e para com indivíduos singulares, especificamente o machismo enraizado no mundo futebolístico.

2) Pela necessidade de construir conhecimento que fundamente ações de equidade de gênero no futebol. Desejamos que mulheres ocupem cada vez mais o espaço futebolístico, para tal, é necessário cobrar elaboração de políticas públicas que forneçam segurança e acessibilidade de mulheres (torcedoras e jogadoras) e desconstrução de discursos/cultura machistas.

3) Os temas juntos são ousados, inovadores, desafiadores e necessários. A breve pesquisa exploratória realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, demonstram ausência nos debates nas pesquisas acadêmicas relacionados ao Futebol-Geografia-Gênero. A maioria das pesquisas (em teses e dissertações) sobre futebol na

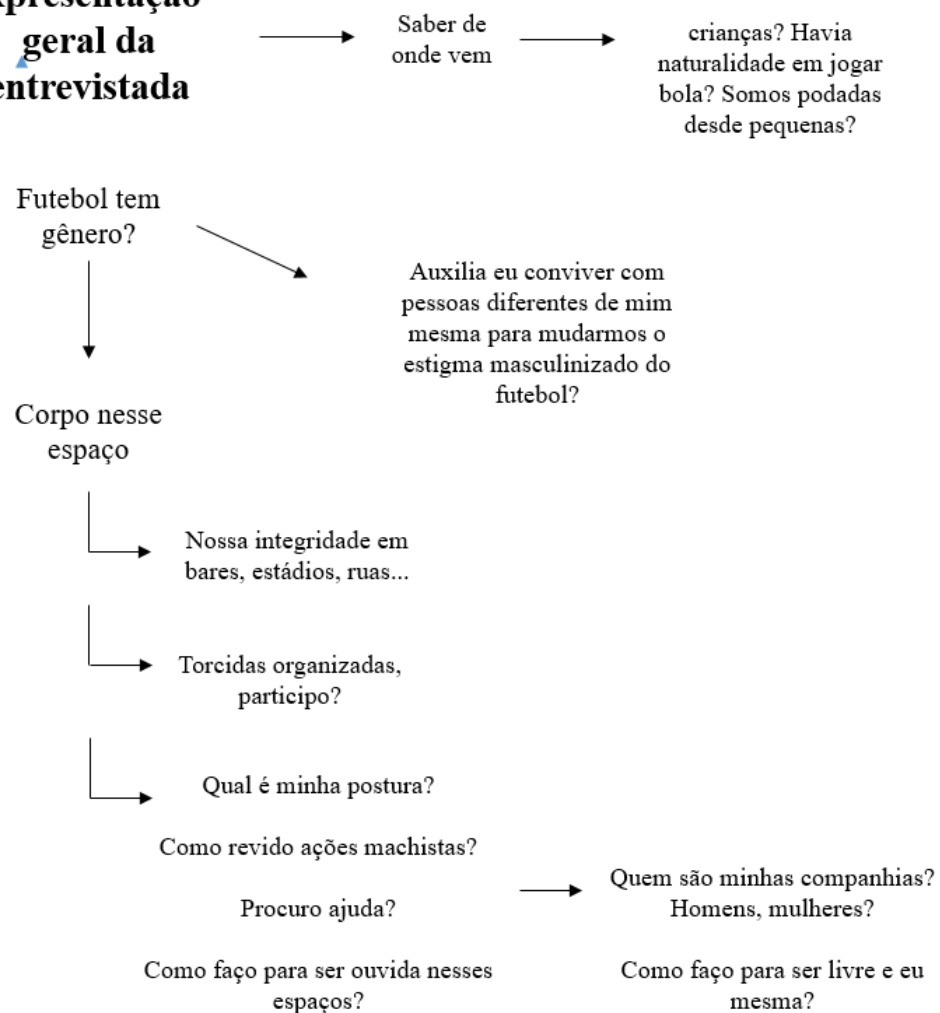
Geografia, estão direcionadas para questão Urbana e uma organização espacial relacionado a grandes eventos futebolísticos, como a Copa do Mundo e a globalização do esporte

Também cabe destacar as pesquisas e referências bibliográficas, pois a base teórica é o que dará sustento argumentativo e interpretativo para com os objetivos que essa temática se propõe. O levantamento bibliográfico em livros, artigos, matérias, esteve concentrado na área da Geografia, do Futebol, Gênero e Sexualidade. Para compreensão de como a Geografia, enquanto entendimento e categoria de análise do espaço geográfico em processo de (des)construção, heterogêneo e diferentes corpos que habitam, contamos com a geógrafa Massey (2008). Envolvendo os temas de Gênero e Sexualidade, mas ainda levando em consideração o espaço, os geógrafos Joseli e Ornat (2020), Joseli (2009), historiadora Scott (1995), socióloga Drumont (1980) auxiliarão nesse processo de compreensão dos conceitos de gênero e machismo, juntamente a filósofa Butler (2003), que enfatizará as performatividades de corpos em um espaço. Para compreensão da dimensão da história e do fenômeno chamado futebol dentro desse espaço, contamos com Giulianotti (2002), Trevisan (2019), Bresque (2020), Campos (2006) e Teixeira (2016), e, para compreensão da técnica *Relief Maps* Rodo-De-Zárate (2014), respectivamente. E, análise de conteúdo Bardin (1977).

Em sequência, para traçar e pensar as perguntas que seriam realizadas para as entrevistas, montamos um mapa conceitual com algumas perguntas e ideias que foram essenciais para organizar as ideias para o processo de construção das perguntas para a entrevista. Segue abaixo figura 2.

Figura 1: Mapa conceitual

Apresentação geral da entrevistada



Como eu me sinto/senti nesses espaços?

O que faz eu me sentir bem ou mal?

Tem haver com minha sexualidade, etnia, gênero, classe e idade?

Eu me porto diferente nesses espaços?

O que vem mudando?

O que avançou

O que podemos fazer para trazer mais mulheres nesses espaços?

A partir dessas ideias iniciais organizadas no mapa conceitual, visualizamos pontos importantes que gostaríamos que estivessem presente nas perguntas e que fossem respondidas pelas entrevistadas. Dessa forma, alinhado aos objetivos da pesquisa que são questionar o papel subalternizado e invisibilizado das mulheres no futebol por meio das suas respectivas vivências como torcedoras e identificar e revelar tipos de violência física, psicológica, moral vivenciada pelas mulheres torcedoras, desenvolvemos 13 perguntas separadas em 4 blocos que podem ser visualizadas abaixo e no apêndice B.

O primeiro bloco teve uma pergunta centralizada no perfil da entrevistada, conhecer sobre a pessoa. No segundo bloco ficou destinado com 3 perguntas, focando na relação com o futebol na infância. No terceiro bloco ficou destinado 4 perguntas, focando na relação com o futebol na adolescência e no quarto e último bloco com 5 perguntas, focando na relação com a vida adulta/presente da entrevistada. A entrevista é semiestruturada, uma vez que tem as perguntas previamente selecionadas e prontas, mas tem abertura para fazer outras durante a entrevista.

Com as perguntas esquematizadas, montamos uma tabela no qual quisemos relacionar a questão com o objetivo que gostaríamos que fosse alcançado. Abaixo a tabela 3:

Tabela 3: Questões alinhadas conjuntamente a seus objetivos.

Questões	Objetivo
01: Entender quem é a entrevistada. Nesse ponto conheceremos mais da vida da mesma, desde sua orientação sexual, etnia, idade, com o que trabalha/estuda, onde mora e classe.	Conhecer e compreender quem é a mulher torcedora entrevistada.
02: Como a entrevistada se conectou com o futebol? Quais pessoas te influenciaram?	Compreender como o futebol começou a moldar sua vida e sua identificação com algum clube e como a influência de alguém colaborou para isso.
03: Jogava futebol enquanto criança? Se sim, quem participava? Se não, qual motivo fazia a entrevistada não jogar bola?	Identificar se essa brincadeira de jogar bola era presente e quem participava (mais meninos, mais meninas, ambos). Se não participava, qual o motivo? Havia constrangimento? Medo?
04: Era comum jogar futebol e/ou assistir? Quais lugares frequentava?	Identificar se havia algum desconforto por gostar de futebol.
05: Construção de sua sexualidade e a relação com o futebol. Como a entrevistada se conectou com o futebol	Entender quem é a entrevistada nesse período de adolescência e como alinhava suas descobertas pessoais para com o

nesse período? Quais pessoas te influenciaram?	gostar de futebol e se isso influenciava, desde o sentimento como torcedora até para com o demonstrar o amor pelo esporte futebolístico.
06: Jogava futebol na adolescência? Se sim, quem participava? Se não, qual motivo fazia a entrevistada não jogar bola? E onde?	Identificar quem era seu grupo.
07: Quem eram suas companhias para acompanhar futebol? Quais lugares frequentava?	Entender quem era seu grupo para acompanhar o esporte e que lugares ia.
08: Já havia consciência das violações que sofria quando jogava e/ou assistia futebol? De que tipo?	Na visão da torcedora, compreender como a mesma enxergava na época essas violações e se hoje entende/visualiza de forma diferente.
09: Como é a relação do futebol na sua vida atualmente? A partir de suas experiências, como você define o que é ser uma torcedora?	Compreender qual a dimensão do esporte na vida da torcedora e qual o entendimento dela para com o torcer.
10: Diante de tantos exemplos de violências contra as mulheres dentro do futebol, que tipo de violência você já vivenciou? Gostaria de relatar como lidou com essas dificuldades?	Entender se a entrevistada revida e como as ações machistas que acontecem diariamente nesses espaços. Procurar compreender se há algum movimento que as façam ser ouvidas e respeitadas. E, como age nessas situações.
11: Quais lugares você frequenta para acompanhar futebol? Você percebe ser necessário mudar de comportamento em determinados lugares (públicos ou privados), para evitar alguma violação? Quais são suas companhias para esses espaços públicos/privados?	Espacializar os lugares que a entrevistada frequenta, além de compreender se há mudança de comportamento e de companhias para cada lugar que a mesma irá trazer durante a entrevista.
12: Você já presenciou algum tipo de violência contra alguma torcedora? Como você reagiu? Procurou ajuda?	Entender se a entrevistada revida e como as ações machistas que acontecem diariamente nesses espaços. Procurar compreender se há algum movimento que as façam ser ouvidas e respeitadas. E, como age nessas situações.
13: Pensando na possibilidade de sermos protagonistas de ações contra violência, o que você pensa que poderia ser feito para combater a violência e atrair mais mulheres para o mundo futebolístico? (Propaganda, ações internas e externas dentro dos clubes, movimentação de reeducação das torcidas organizadas, poder público envolvendo a segurança).	Compreender na visão das torcedoras quais ações e atitudes de clubes/torcedores/mídia vem acontecendo para mudar esse estigma masculinizado e machista e o que pode ainda melhorar.

Para escolher as entrevistadas que fariam parte da pesquisa, foi necessário ter alguns critérios que foram estabelecidos, sendo eles:

- 1) Ser torcedora do Grêmio/Internacional;
- 2) Ter idade acima de 18 anos e principalmente idades variadas;
- 3) Etnia distintas;
- 4) Orientações sexuais distintas;
- 5) Renda salarial distinta.

Traçado essas características, o contato com as entrevistadas se deu a partir de indicações. As torcedoras foram contatadas através das redes sociais *Whatsapp* e *Instagram*. Num primeiro momento, foram escolhidas sete mulheres, sendo seis cisgêneros e uma transsexual; quatro torcedoras do Grêmio e três do Internacional; idades entre 24 a 67 anos; seis mulheres brancas e uma negra, rendas distintas e quatro heterossexuais, duas bissexuais e uma lésbica. A partir do contato por essas redes sociais, explicamos qual era o objetivo da pesquisa e como seria a entrevista.

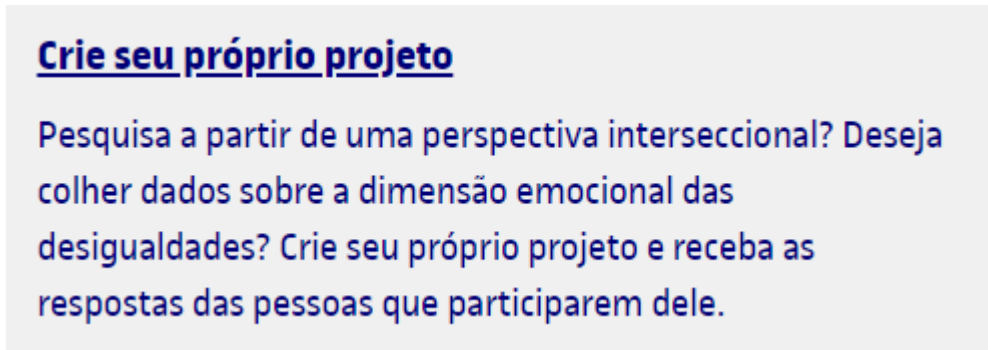
Próximo do dia de realizar as entrevistas, três cancelaram. Conseguimos inserir mais duas pessoas. Dessa forma, a variedade antes em questão de idades reduziu, dessas seis a mais velha tem 34 anos e a mais nova 20 anos. Levando em consideração a orientação sexual, dessas seis, três são bissexuais, duas heterossexuais e uma lésbica e todas as mulheres selecionadas são cisgêneros. As torcedoras são três gremistas e três coloradas e quatro mulheres brancas e duas negras.

As seis entrevistas foram realizadas por meio da plataforma *Google Meet*. Em dias diferentes e conforme as disponibilidades de cada mulher torcedora. Antes de iniciar a gravação de cada fala, os procedimentos foram novamente explicados. As perguntas foram disponibilizadas durante as vídeos-chamadas para a visualização delas. Após cada torcedora responder cada questão, foi dado rumo para a última parte, a elaboração dos *Relief Maps*.

A técnica de *Relief Maps* ou mapas de relevo, consiste em levar em consideração a subjetividade, trajetórias e experiências. O *Relief Maps*⁵ tem *site* pronto. Para elaborá-los, foi necessário criar uma conta. Veja interface do site na figura 3.

⁵ <https://www.reliefmaps.cat/pt/>

Figura 2: Criar projeto no *site* da metodologia *Relief Maps*.



Fonte: *site Relief Maps*.

É possível escolher o idioma. A plataforma disponibiliza Português, Catalão, Castelhanu e Inglês (ver figura 4).

Figura 3: Criação da conta.

Fonte: *site Relief Maps*.

Feito isso, partimos para a identificação da autoria do projeto. Identificamos o nome, e-mail, instituição de ensino, país, conforme figura 4 e 5.

Figura 4 e 5: Identificação do(a) autor e do projeto.

Relief Maps Sobre Funcionamiento Publicações Relacionadas Contato

Nombre

Correo Electrónico

Institución

País

Información

Relief Maps informa al creador del proyecto de que los datos de carácter personal que proporcione con el fin de crear su propio proyecto serán tratados por la Universitat Oberta de Catalunya «UOC» como responsable de esta página web y de acuerdo con su política de privacidad. Puede consultar la información adicional y detallada en nuestra política de privacidad: [política de privacidad](#)

La recogida y el tratamiento de los datos de carácter personal solicitados al creador del proyecto tiene como finalidad la adecuada creación y gestión de los proyectos en la página web Relief Maps, así como el control y la mejora de la herramienta en relación, entre otros aspectos, con la fiabilidad de los proyectos, su origen y su procedencia, así como el contacto, en su caso, con los creadores, con el objetivo de mejorar la herramienta, o poder establecer algún tipo de colaboración.

La legislación para tratar los datos personales proporcionados es el propio consentimiento del interesado.

Ningún dato introducido para la creación de un proyecto será cedido a un tercero.

En cualquier momento, el creador del proyecto puede ejercer los derechos de acceso, rectificación, supresión y oposición y el resto de derechos legalmente establecidos enviando un correo a foto.uoc@uoc.edu en el que se adjunte una fotocopia del DNI o cualquier otro documento análogo aceptado en derecho.

Título

Descrição

Notas

Projeo público

Enviar

Anterior Seguiente

Fonte: *site Relief Maps*.

Em sequência, selecionamos as categorias que fariam parte da pesquisa, que será explicado mais abaixo. Segue figura 6.

Figura 6: Categorias do *Relief Maps*.

Categorias seleccionadas

Gênero

Orientação sexual

Idade

Racialización

Classe social

Fonte: *site Relief Maps*.

Além disso, foi selecionado previamente a casa própria, comumente se assiste e acompanha-se os jogos em sua própria residência, como salientado na figura 7.

Figura 7: Lugar previamente selecionado.

Lugares **Domésticos**
 Casa própria

Fonte: *site Relief Maps*.

Ainda nessa parte da identificação das pessoas, selecionamos algumas categorias para identificação que apareceriam, pois já conhecia as características do grupo de mulheres que seriam entrevistadas. Selecionamos em gênero mulher cis, mulher trans, trans, transgênero e outros. Em orientação sexual, lésbica, bissexual, heterossexual, outros e não definida. Idade 20-29, 30-39, 40-49, 50-59 e 60-69. Raça/Etnia, branca, negro, outros, parda e indígena e classe social em alta, média, baixa e não definida, conforme na Figura 8.

Figura 8: Identificação.

Identities	Gênero	Idade
	Mulher cis	20-29
	Mulher trans	30-39
	Trans	40-49
	Transgênero	50-59
	Outros	60-69
		Racialización
		Blanco/a
		Negro/a
		Outros
	Orientação sexual	Pardo (a)
	Lésbica	Indígena
	Bissexual	
	Heterossexual	Classe social
	Outros	Alta
	Não definida	Média
		Baixa
		Não definida

Fonte: *site Relief Maps*.

Com isso feito, finaliza-se o projeto e o site gera o *link* e um código de acesso para as entrevistadas poderem acessar no dia da entrevista.

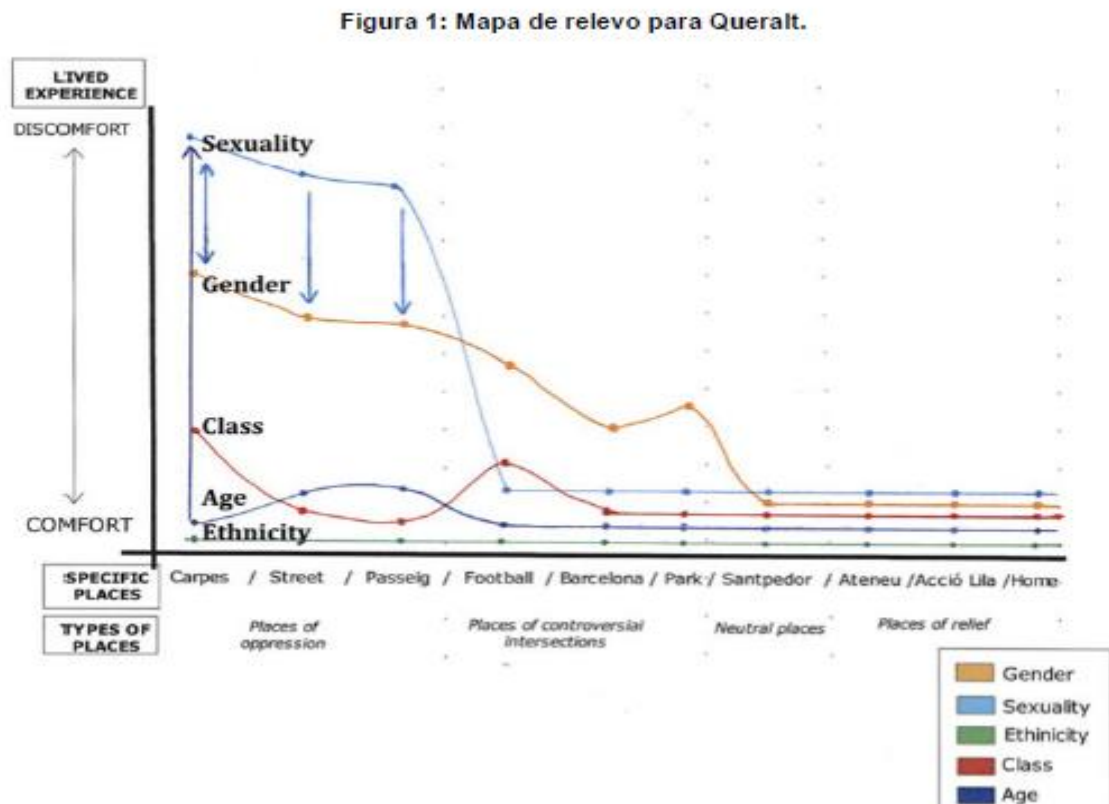
Essa metodologia foi criada pela Rodo-De-Zárate e a mesma em seu trabalho explica que é uma metodologia utilizada para pesquisas interseccionais, ou seja, é um estudo de identificação da opressão, pois nos faz visualizar as desigualdades sociais em forma de mapa.

Segundo Zárate (2014, p. 929) o nome *Relief Maps* tem dois significados em inglês:

O 'Relief' como 'Distinção devido a ser acentuada' (Oxford English Dictionary 2008), o que sejam as colinas, as curvas que se elevam e mostram os lugares de opressão, os lugares onde se tem uma forte experiência de medo, controle ou discriminação. E 'alívio' como 'alívio ou remoção da dor, ansiedade ou angústia' (Oxford English Dictionary 2008), que se refere a os vales, para aqueles lugares onde as experiências opressivas declinam, não são estressados e que culmina com os 'locais de alívio'. Assim, o conceito de 'relevo' mostra o dinamismo e mobilidade entre lugares e experiências de acordo com as diferentes estruturas que se cruzam.

A autora (2014, p. 925) comenta que relaciona três dimensões, sendo elas: estruturas de poder (social/ posições e identidades de gênero, classe social, etnia, idade, etc), experiência vivida (psicológico/ efeito nas emoções) e lugares (geográfico). Ela (2014, p. 928) entende e define esta técnica como “[...] uma maneira de exibir dados de uma forma visual e uma conceitualização da interseccionalidade em si. É uma imagem que mostra as diferentes experiências vividas que as pessoas têm em diferentes lugares [...]”. A autora ainda comenta que para desenvolver os mapas de relevo é necessário que caminhe junto a entrevistas. Nessa metodologia, é necessário que se leve em consideração algumas estruturas, como aponta a autora (2014, p. 929). Em nosso caso, para desenvolver os mapas, as estruturas selecionadas foram: gênero, orientação sexual, idade, etnia e classe social/renda. A estrutura desse mapa pode ser desenvolvida com várias situações ou exemplos. Abaixo um exemplo do que se refere o *Relief Maps* realizado pela Rodo-De-Zárate.

Figura 9: Exemplo de *Relief Maps* representado pela autora.



Fonte: RODÓ-DE-ZÁRATE, María. (2014, p. 929)

A autora (2014, p. 929) menciona que na dimensão geográfica, os locais são classificados em quatro tipologias, que são: lugares de opressão, onde a pessoa tem desconforto, independentemente de ser por uma ou mais estruturas, por exemplo gênero ou idade; lugares controversos que podem ser desconfortáveis em uma identificação, mas em outra não; lugares neutros onde não se destaca nada de relevante em relação a alguma identificação e locais de alívio, que são os locais onde o indivíduo procura como conforto. Essas classificações, as próprias entrevistadas fazem no *site* de acordo com os lugares que as mesmas classificaram anteriormente em linhas de bem-estar à mal-estar.

Além disso, há alguns pontos que são destacados em cada linha e/ou curva do mapa. De acordo com a autora, os pontos do mapa se definirão a partir de cada vivência única da pessoa, então no mapa o ponto determina a linha do conforto à desconforto.

Analisando a imagem acima, de uma das entrevistadas da autora, percebemos que as estruturas estão postas em linha vertical, acompanhado ao lado de experiência vivida, com do mais confortável ao menos confortável. Na horizontal, estão dispostos os lugares específicos,

como ruas, parques, futebol e tipos de lugares, onde há opressão, lugares de intersecções controversas, lugares neutros e lugares de alívio, como destacado a casa. Nesse exemplo, a entrevistada mostra um desconforto para com sua sexualidade em alguns lugares como rua e isso decaí quando se aproxima em sua residência. Ou seja, essa representação de trajetórias e experiências, nos mostra referente a cada estrutura de cada torcedora, como se dará a disposição desse mapa.

Os lugares que cada uma elencará e mostrará em qual se sente oprimida, confortável ou neutra. Pode ser que haja pontos em comum em cada mapa, mas também pode haver pontos divergentes. Então, resumidamente, cada mulher torcedora destacou já previamente na primeira questão da entrevista os lugares que frequenta para acompanhar o futebol e depois novamente destacou durante a metodologia de Rodó-De-Zárate. Ainda, a autora (2014, p. 930) comenta que o “Mapa de Relevo mostra como para cada local existe uma experiência diferente em uma gradação do conforto ao desconforto que tem a ver com certas relações de poder”. E, após a classificação das torcedoras em bem-estar à mal-estar para os lugares que frequentam, as mulheres classificaram essas localidades em lugares de opressão, controverso, neutro e de alívio.

Por fim, após as entrevistas e os mapas, transcrevemos as entrevistas, que totalizou 6 horas e 27 minutos e 70 páginas. Para análise das entrevistas, utilizamos o método de análise de conteúdo da Bardin (1977, p. 9) que define como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.

A análise de conteúdo é o ato de dar significado à mensagem, ao fim de se chegar na interpretação, a qual usa-se o referencial teórico. Para isso é necessário organizar todo o dado coletado. Neste sentido é seguido um processo por meio da codificação, da categorização e da descrição/inferência/interpretação (BARDIN, 1977).

A codificação é a etapa de identificação das unidades de registro e de contexto da mensagem enunciada. Essas unidades são respectivamente uma representação dos trechos do conteúdo e a contextualização desses. Nós optamos por separar de acordo com um nível semântico que demonstra as motivações das entrevistadas através de temas (BARDIN, 1977). Assim, as unidades partem do recorte de ideias/sentidos das falas das torcedoras, seguindo os objetivos do nosso trabalho. Não há teoricamente um jeito prático para a codificação. Para ter esse processo facilitado, em cada entrevista separamos as perguntas das respostas, deixando um

espaço para a elaboração das unidades de registro e de contexto em cada uma delas. Para que as unidades se alinhassem com os objetivos, achamos essencial essa separação. Segue o exemplo abaixo retirado do material da entrevista 1:

Tabela 4: Exemplo de codificação.

Perguntas	Respostas	Sentidos/unidades de registro/unidades de contexto/ideias
<p>[...] Aqui é a questão da construção de sua sexualidade e a relação com o futebol. Como a entrevistada se conectou com o futebol nesse período? Quais foram suas influências? Houve figuras masculinas de influência? Sim? Não? Quem foram?</p>	<p>Acho que assim para entrar nesse ambiente não é muito aberto para nós meninas, sabe, era sempre dos gurus. E aí tipo, nunca foi algo que influenciasse muito na minha vida para eu ter vontade de ir e saber sobre aquilo, porque não era um espaço que acolhia nós pra tá lá, sabe? Tanto que na escola quando tinha essas práticas de esporte, de jogar futebol, era raramente porque os meninos também não queriam que a gente jogasse, entende. Então tipo, tinha toda uma questão.</p>	<p>Ambiente do futebol não é aberto para as meninas</p> <p>Silenciamento</p> <p>Não acolhimento</p> <p>Práticas esportivas eram praticadas raramente pelas meninas</p> <p>Exclusão por parte dos meninos</p>

Organização: Pereira, 2022.

Com a conclusão dos sentidos temáticos das falas das entrevistadas partimos para a categorização desses elementos. As categorias servem para organizar as ideias das falas. A partir da codificação de cada resposta nós reagrupamos as unidades, acompanhadas de alguns trechos condizentes. Segundo a dica de Bardin (1977) consideramos as características da homogeneidade, pertinência e objetividade de cada categoria para haver uma coesão e clareza entre cada classificação. No total tivemos 5 categorias temáticas, sendo que todas elas se repetiram em todas as entrevistas. Neste sentido, as categorias concedidas com a mesma nomenclatura facilitaram a elaboração da próxima e última etapa.

Com as categorias prontas, descrevemos de forma textual para a feita das inferências e interpretações. A inferência é um exercício de dedução lógica, onde a (o) pesquisadora(o) faz perguntas do tipo “qual o efeito dessa mensagem?” “O que esse enunciado provoca?”, “Qual a

relação dos meus objetivos de pesquisa com tal fala?”. Neste sentido é preciso aprofundar um significado às categorias descritas. Aqui, tivemos a liberdade de encontrar *insights*, relacionando às questões dos efeitos do silenciamento da mulher no futebol, ou questões relacionadas ao nosso objetivo de identificar as falas das mulheres acerca das violências sofridas e entre outras. Já a interpretação é feita acompanhada com material bibliográfico, ou seja, essa parte condiz com elementos teóricos e não com uma inferência autoral da(o) pesquisador(a) (BARDIN, 1977).

Terminado essa etapa, unimos as descrições e inferências das categorias de cada entrevistada e começamos a criar sínteses delas, a fim de produzir um resultado geral de todos os dados. Com isso, concluímos a análise, efetuando algumas interpretações e argumentando-as no texto.

2 O ESPAÇO DO FUTEBOL: PARTICIPAÇÃO E INSERÇÃO DAS MULHERES

“A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever”

(GALEANO, 2004, p. 10)

O espaço é um conceito relevante na área da Geografia. É transformado diariamente pelos seres humanos, explorado e reinventado. Abriga em sua superfície diversas pessoas e grupos heterogêneos que habitam e relacionam-se direta e indiretamente no cotidiano de suas vidas.

Espaço esse onde tudo acontece, carrega consigo vivências, experiências, disputas, violências, sentimentos, singularidades e pluralidades. A geógrafa Massey (2008), em sua obra chamada *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade* traz uma forma diferente de entender esse conceito do que há tempo se tem proposto nessa área, e como a mesma traz, uma forma alternativa de pensar o conceito de espaço.

A autora (2008) afirma que o espaço é reprodutor de relações e interações, ou seja, o espaço não é composto apenas por concretudes, como um prédio ou uma casa. Independentemente de o concreto existir, se fará presente toda a subjetividade de sujeitos. Num segundo momento, diz que podemos compreender que “o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, na qual distintas trajetórias coexistem” (2008, p. 29). Ou seja, diversas são as possibilidades de o dito “diferente” coexistir em diversas esferas do espaço geográfico. Diversos são os grupos, as pessoas ou a própria sociedade num geral.

A espacialidade é mutável, Massey (2008, p. 31) diz que devemos sempre levar em consideração que o espaço está em um constante processo e não é um sistema fechado. Conforme Massey afirma:

O espaço é, sem dúvida, produto de relações (primeira proposição), e para que assim o seja tem de haver multiplicidade (segunda proposição). No entanto, não são relações de um sistema coerente, fechado, dentro do qual, como se diz, tudo (já) está relacionado com tudo. (MASSEY, 2008, p.32)

Com isso, consegue-se compreender como tudo o que é existente pelo entendimento do conceito de espaço, é relacional. Porém, para poder se relacionar, deve-se haver uma construção e produção dessas relações. O material relaciona-se com o imaterial, a cultura relaciona-se cotidianamente naqueles que vivem em determinada localidade e sobretudo, avança limites e territórios, sem respeitar qualquer divisão política e geográfica.

O espaço é produzido todos os dias. A autora (2008, p. 95) comenta que devemos sempre conceituar o espaço de forma aberta, uma vez que o espaço não é algo inerte, mas sim dinâmico e multifacetado. Ademais, Massey (2008, p. 33) aborda em um ponto importante, que é o de trajetórias. A geógrafa comenta que “trajetória” é um termo presente em debates sobre representação, que tiveram influências importantes e duradouras nos conceitos de espaço e tempo”. De toda forma, a autora enfatiza que apesar de existir um espaço, seja ele do modo e como for, um sujeito coexistirá e habitará. Ou seja, o que é considerado nesta obra, também se faz importante neste Trabalho de Conclusão de Curso, que é a trajetória de cada pessoa produzindo o espaço geográfico de sua forma única e singular. O espaço permite que a diversidade se manifeste e que distintas trajetórias se cruzem. As trajetórias são construídas diariamente no espaço através de narrativas individuais e coletivas de cada indivíduo.

A partir disso, dessa dimensão espacial, percebe-se um fenômeno mundial diversamente popular que atinge das camadas mais baixas as camadas mais altas de diferentes sociedades, que é o futebol. Campos, geógrafo e estudioso da área da Geografia Cultural e do Futebol (2006, p. 4) traz que a ciência geográfica necessita ter um olhar atento a esse evento.

É fundamental que a Geografia dê mais atenção para o futebol, pois este é um importante elemento da sociedade brasileira, tanto sob sua dimensão esportiva quanto cultural, social, identitária e até mesmo espacial. O futebol faz parte do cotidiano dos brasileiros, que manifestam através dele sua cultura e sua visão do espaço. Ele constrói territorialidades próprias, apropriando-se de elementos simbólicos. Ele transcende, assim, sua qualidade esportiva, passando ser um fator essencial para a compreensão da construção espacial e social brasileira e até mesmo mundial.

Campos (2006, p. 6) também colabora que o futebol tem um espaço de representação, no qual grupos de pessoas constroem suas territorialidades e por consequência constroem suas trajetórias simbólicas. Para sentir e viver o evento futebolístico, não é necessário que nos façamos presentes a todo tempo indo em estádios, bares ou consumindo materiais esportivos. O sentimento ultrapassa qualquer coisa que seja. Dito isso, o autor (2006, p. 9) comenta que:

Portanto, o encontro de torcedores no estádio ou em espaços públicos é a situação mais propícia para o surgimento, modificações e circulações de representações sociais. Mas a realidade social pode ser apreendida também através de mediações, ou seja, o indivíduo não precisa estar presente para ter contato com ela. Ele pode o fazer através da mídia, nas transmissões dos jogos.

O mundo do futebol mobiliza milhares de indivíduos a cada dia de jogo, faz com que as pessoas consumam produtos e tudo o que é relacionado a essa paixão, e mais especificamente, construam a sua identificação para com seu time de coração. Campos (2006, p. 12) enfatiza

mais uma vez a importância de a Ciência Geográfica discutir esse tema, visto que o futebol faz parte do dia a dia de uma sociedade e acaba sendo negligenciado pelo mundo acadêmico. Ainda, o autor afirma que o futebol consegue fazer com que sua importância seja para além da prática esportiva, é também uma importância cultural e social.

O futebol é um esporte cujo reconhecimento é mundial. Conhecido e entendido como um fenômeno, o futebol existe nesse espaço tão abrangente e diverso. Possibilita diversas pessoas de praticarem e vivenciarem esse esporte. Desde comunidades distantes até condomínios fechados de classe alta. Campos (2006, p. 36) contribui em seus escritos que:

O futebol é um importante elemento da sociedade e da cultura brasileiras. Ele não se limita a ser um esporte, mas se constitui numa relevante manifestação sociocultural, construtora de espacialidade. Nesta, os atores socioespaciais se relacionam e produzem representações sociais. Desta forma, o futebol influencia a vida cotidiana das pessoas, que projetam nele suas alegrias, frustrações e expectativas. O futebol também é um importante elemento na vida política do país, pois seus elementos simbólicos muitas vezes são apropriados pelos governos.

O esporte bretão⁶ permite que grupos de pessoas construam sua vivência única, coletiva e sentimental. Dessa forma, o futebol, do inglês *football*, nada mais é em sua tradução literal da palavra “jogo de bola com os pés”. O esporte ao longo do tempo se popularizou ao redor do globo, atingindo diversos povos e camadas sociais. Porém, antes do futebol ser do jeito que conhecemos atualmente, ele passou por diversas modificações e sua origem, por vezes, pode ser confusa e um tanto quanto polêmica. Segundo jornalista Trevisan (2019, p. 11), não há grandes certezas envolta do surgimento do esporte, entretanto, há indícios de que alguns povos já praticavam antes mesmo de ser determinado como uma invenção britânica. O autor traz que na China o futebol já era praticado há 2.500 anos antes de Cristo, de uma forma um pouco diferente, visto que a bola utilizada em jogo eram cabeças de soldados. Neste sentido, os Maias também percorriam espaços atrás de uma bola no México, mas o diferencial era o intuito de cada partida de futebol jogada. Quem perdesse, era sacrificado. Claro que, cada jeito de jogar havia suas peculiaridades, mas que de alguma forma, se assemelha ao que é jogado hoje em dia.

Antes de chegar a definição e convicção de ser um esporte bretão, na própria Europa também é apontado indícios do esporte existir. Trevisan (2019, p. 12) comenta que no Velho Continente, ou seja, Itália também se praticava. O diferente dessa prática esportiva era a quantidade de pessoas envolvidas e o espaço percorrido pelos times. Atravessavam bairros para chegar no gol adversário, dessa forma, fazendo com que praticamente a cidade toda se

⁶ “Relativo ou próprio da Grã-Bretanha”. BRETÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bretao/>. Acesso em: 26 jan de 2022.

envolvesse nesse grande evento. Uma curiosidade que o autor traz é que o *Calcio storico fiorentino* existe até hoje e é realizado a cada Domingo de Páscoa.

É inegável a participação dos britânicos no futebol moderno. Trevisan afirma que foram eles os que mais contribuíram para com o esporte, principalmente na formulação de regras e como se daria a forma de jogar. Os ingleses distribuíram esse esporte tão peculiar que envolve o toque dos pés ao redor do mundo com sua colonização (invasão) em diversos países. Giulianotti, professor especialista em Sociologia do Esporte, em sua obra *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões* (2002, p. 8), comenta que o futebol permite uma espécie de mapa cultural, que faz com que possamos compreender as características, culturas e ideologias de uma sociedade. Com toda certeza, percebemos que esse é o esporte mais popular do mundo e ele tem o poder de chegar em lugares mais longínquos do globo. Esse esporte traz uma espécie de liberdade e identificação das classes, talvez seja pela sua facilidade de entender as regras, da própria jogabilidade ou de ser justamente tão popular. O futebol nunca foi totalmente um espaço de democracia, é um espaço que requer ser democrático (a) e justo (a), para além das quatro linhas. Com o passar do tempo, a elitização do esporte afastou totalmente as classes mais baixas que antes participava, incluindo a classe trabalhadora. O difícil acesso a jogos, a produtos, ao transporte, fizeram com que apenas um grupo se concentrasse na ida a jogos ou a bares. Uma classe apenas não representa um todo. Sobretudo, além disso, crucialmente quem estava por trás, ou ao menos sempre lembrado, eram os homens. Não à toa, hoje em dia, conhecemos como um esporte de raízes totalmente masculinizadas.

Araújo, graduada e mestranda em História (2021, não paginado), comenta que a historiografia enfatiza em demasia a presença masculina nesse espaço.

Entretanto, ainda hoje, a historiografia tende a enxergar apenas indivíduos do sexo masculino. O ambiente esportivo, principalmente se tratando do futebol, se torna um espaço reservado aos homens, porém, isso não significa que as mulheres não tenham sido importantes no processo de consolidação do jogo [...]

Giulianotti (2002, p. 195) comenta que houve uma ascensão do futebol feminino e da presença de mulheres em estádios no período entre guerras na Inglaterra, entretanto, esse aumento do número de mulheres “ameaçava” o futebol masculino. E, com isso, o autor ainda traz que a Associação de Futebol Inglesa em determinado ano instruiu aos clubes ingleses a não ceder espaço para mulheres jogar e/ou torcer. Dessa forma, o autor traz mais um elemento importante para compreensão do futebol espelhado na sociedade (2002, p. 197):

O futebol profissional tornou-se representação exclusivamente masculina da comunidade fundadora. Até a década de 1960, o futebol ajudou a reproduzir a divisão sexual moderna do trabalho e lazer. Os homens dominavam os ambientes de trabalho e o espaço público (tais como estádios de futebol), enquanto às mulheres era relegado o domínio particular da casa.

Propriamente como o autor acima traz, a divisão sexual do trabalho torna visível quem ocupa cada espaço. As mulheres, desde antes de estarmos em uma sociedade capitalista que enfatiza cada vez mais as divisões de classe social e trabalho, já se encontravam em jornadas duplas, tal como ser mãe e cuidar da casa. Dessa forma, tendo como dominante a categoria masculina nos espaços de trabalho e lazer, tornava e torna-se difícil o acesso de mulheres, assim como a vontade genuína de performar em espaços carregados de estigmas masculinos.

Este esporte movimentava desde o setor econômico até o sentimento pessoal de cada indivíduo que sente e vibra com o esporte. Várias são as pessoas que fazem parte da construção desse fenômeno e da história, não só nacional, como mundial. E várias também são as pessoas que afastam tantas outras de participar interna e externamente do universo futebolístico. É notório que o futebol carrega consigo uma imensa identificação masculina para com o torcer ou o praticar, dessa forma, criou-se um mundo futebolístico totalmente masculinizado, heteronormativo e binário. Segundo Souza, mestre e professor em História e Ribeiro, historiadora e professora universitária (2020, não paginado):

Historicamente o preconceito racial e a exclusão feminina podem também ser explicados através da identificação do processo de formação da sociedade Brasileira, onde os homens (brancos) detentores do poder e assegurados pela religião incrustaram na sociedade a ideia de que as mulheres deveriam ocupar somente os espaços estabelecidos por eles [...].

Os autores (2020, não paginado) exemplificam como o papel de gênero destinado as mulheres era reforçado no mundo do futebol “sabemos que em sua origem o futebol foi considerado um esporte para homens, por trazer valores masculinos de confronto, violência, competição, virilidade, força e coragem, diferente da imagem de frágil e delicada (que era) construída para a mulher”.

E, por consequência, essa imagem construída socialmente acarreta que, de acordo com as autoras:

Quase nunca, é levado em consideração a mulher enquanto cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus aspectos técnico-tático, econômico, social, político, cultural e tendo a ida ao estádio como um tempo/espaço de lazer. (2020, não paginado)

Nessa construção do futebol durante os séculos no mundo e mais especificamente em território brasileiro, as mulheres tiveram grandes dificuldades de ter acesso a esse espaço, dificuldades essas que se tornaram decretos. Em 2022 fará 43 anos que o Decreto-Lei nº 3.199 de 1941⁷, mais especificamente o art. 54 deixou de vigorar em nosso país. Esse decreto previa que mulheres não poderiam praticar futebol. Por meio dessa ação, podemos perceber uma barreira extrema que as impedia de estar nesse espaço, dessa forma, podemos compreender que a inserção de mulheres tanto na prática quanto na vivência diária com o esporte é “recente”⁸.

Segundo Bezerra e Luna (2017, p. 63/64) o reconhecimento das mulheres no esporte demorou a se concretizar. A primeira seleção brasileira feminina foi formada no ano de 1988 e participação efetiva em uma Copa do Mundo⁹ foi em 1991, sendo que o futebol masculino já vinha sendo praticado no território brasileiro desde quando Charles Miller trouxe para a prática no início do século XX.

Oliveira, graduada em História (2021, p. 285) resgata a história do futebol feminino gaúcho e afirma o quanto ele é recente no estado. Os clubes Grêmio e Internacional começaram a notar em certa medida esse movimento apenas nos anos 90. Kessler (2010, p. 87 apud Oliveira, 2021, p. 285) traz que o clube Internacional criou uma escolinha de futebol feminino no ano de 1984, mas que no ano de 1991 fechou. Oliveira (2021), também menciona que em 1996 e 1997, respectivamente Inter e Grêmio, criaram seus times femininos. A prática do esporte ainda é precarizado, assim como o incentivo é insuficiente.

Goellner, pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (2021, p.103) traz que “a presença das mulheres no ambiente esportivo foi crucial para mostrar o quanto este espaço é generificado (marcado pela diferença de gênero) e generificador (produz a diferença de gênero)”.

Mesmo que a historiografia não enfatize a participação que era limitada para as mulheres no início em que a história do futebol começou a se consolidar mundialmente e nacionalmente, isso não quis dizer não tivessem grupos de mulheres lutando pelos seus direitos. Ao passo em que as décadas vão se sucedendo, percebemos como vão aparecendo mulheres que inspiram

⁷ BRASIL, Lei nº 3.199, de 14 abril de 1941. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, RJ, 1941.

⁸ “Restringir o espaço da mulher, não significou a falta de participação. Elas tiveram sua participação limitada, porém, dentro do ambiente que as reservaram, construíram novas formas de se relacionar, forma essa, que hoje exercemos com grande paixão”. ARAÚJO, Mayara de. A mulher e o futebol: de acompanhante a torcedora. **Ludopédio**, São Paulo, v.140, n.51, 2021.

⁹ Torneio praticado e realizado a cada quatro anos entre seleções de países.

tantas outras de ocuparem esses espaços, seja pelo futebol propriamente jogado, administrando ou de estar presente torcendo.

Hoje em dia temos um maior exemplo de representatividade feminina que é a jogadora Marta. Marta é uma das maiores jogadoras de futebol da atualidade, conquistou seis títulos de melhor jogadora pela FIFA¹⁰. Entretanto, no contexto em que vivemos, a jogadora não teve o mesmo e reconhecimento como alguns jogadores homens.

Um exemplo notório e a comparação que pode ser feita é entre Marta e Neymar. Ambos jogadores da seleção brasileira e no entanto, ele nunca conquistou o título de melhor jogador do mundo e a mídia brasileira sempre traz à tona seus feitos e reserva matérias jornalísticas para falar sobre o mesmo. Na rede social *Instagram* de cada um, pesquisado em 21 de março de 2022, podemos perceber a diferença do reconhecimento quando comparamos a quantidade de seguidores que o jogador tem. São 171 milhões contra 2,6 milhões de Marta.

A diferença salarial é outro elemento que mostra uma diferença gigantesca entre eles. Segundo *site FDR*¹¹, Marta recebe 1.495.000 reais por temporada, o que equivale a 1% do salário de Neymar. A desigualdade salarial entre homens e mulheres é mais um reflexo das desigualdades de gênero que temos e que vem sendo sustentada há séculos. Por que o reconhecimento é maior sobre um jogador homem, apesar de Marta ter provado que é extremamente boa no que faz?

Como apontado por Januário, professora universitária e estudiosa de gênero e masculinidades (2017, p. 35):

Certamente, a cultura do machismo e o histórico de proibições e assertivas sociais que argumenta que “futebol não é coisa de mulher”, relacionando apenas a práticas masculinas, nos faz perceber que, mesmo uma sendo atleta de alta performance, isso não é o suficiente para uma mulher provar a sua capacidade e obter reconhecimento.

Ainda, Januário (2017, p. 41) pontua que o preconceito contra mulheres começa dentro das próprias instituições que regulamentam a prática esportiva. Alinhado a isso, a autora ainda traz que “a disseminação de um discurso mais equânime acerca da participação de homens e mulheres em um esporte que se configura como fenômeno social e popular, como o futebol, é também promover uma mudança na cultura e na sociedade”.

¹⁰ Fédération Internationale de Football Association ou Federação Internacional de Futebol. De acordo com o Museu do Futebol, a FIFA é “a instituição internacional que dirige as associações de futsal, futebol de praia (português europeu) ou futebol de areia (português brasileiro) e futebol associado, o esporte coletivo mais popular do mundo”. FIFA. **Museu do futebol**, s.d. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/497205/>. Acesso em: 26 jan de 2022.

¹¹ AMORIM, Paulo. Olimpíadas: **Qual salário da Marta, jogadora da seleção brasileira de futebol?** 2021. Disponível em: <https://fdr.com.br/2021/07/21/olimpiadas-qual-salario-da-marta-jogadora-da-selecao-brasileira-de-futebol/>. Acesso em: 26 jan de 2022.

Neste presente século, o aumento e a participação de mulheres no esporte vem crescendo significativamente, todavia, há ainda o que percorrer. Segundo Giulianotti (2002, p. 200), “o aumento de jogadoras registradas foi repentino, chegando a 25.000 só na Inglaterra [...]”. O mesmo movimento acontece com as mulheres torcedoras, no ano de 2016, em levantamento feito pelo SportTV¹², o clube Internacional liderava a porcentagens de mulheres sócio torcedoras, chegando a porcentagem de 22%, seguido de Corinthians 19% e Santos e Grêmio com 15%.

Bezerra, mestre em Administração e Luna, doutora em Administração (2017, p. 69) em seu artigo revelam que as porcentagens e números se mostram ainda maiores. Internacional e Grêmio correspondem a 25% de mulheres sócio torcedoras, 34.245 e 20.769, respectivamente. Os autores ainda deixam claro que esse número corresponde apenas as mulheres que são associadas ao clube, os números ainda podem ser maiores quando pensado apenas na presença feminina em dias de jogos. Algo importante a ser destacado é que no início dos anos 2000, segundo Oliveira (2021, p. 286), o Núcleo de Mulheres Gremistas foi criado e foi o pioneiro no Brasil.

A autora (2021) enfatiza que as mulheres começaram a se reunir em 2004 e o objetivo é trazer mulheres para ter uma aproximação maior com o clube, permitindo que a mulher tenha sua opinião política e social valorizada e ouvida, e além claro de apoiar o Grêmio. Já no Inter, o grupo de mulheres é chamado de Força Feminina Colorada ou FFC, que foi fundada no ano de 2009 e nas palavras da autora “deseja proporcionar às suas associadas a oportunidade de frequentar estádios de futebol em grupo, levando mais mulheres aos eventos futebolísticos, além da mensagem de paz e alegria”.

Recentemente o esporte feminino, teve uma grande conquista em relação a equiparação salarial de homens e mulheres jogadoras. De acordo com o *site*¹³ do Globo Esporte, as mulheres da seleção feminina dos Estados Unidos (que inclusive é tetra campeã mundial e tetra olímpica) conseguiram um acordo após seis anos de batalha judicial para igualar os pagamentos de salários tal qual a seleção masculina recebia. A seleção brasileira de futebol feminino já teve

¹² LORDELLO, Vinícius. **Internacional foca em ações para mulheres e vê aumento do público feminino no quadro de sócios**. 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/esporte-executivo/internacional-foca-em-aco-es-para-mulheres-e-ve-aumento-do-publico-feminino-no-quadro-de-socios/>. Acesso em: 7 maio 2021.

¹³ Seleção Feminina dos Estados Unidos alcança acordo para receber premiações iguais à masculina. **GE Globo**, 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2022/02/22/selecao-feminina-dos-estados-unidos-alcanca-acordo-de-equal-pay-com-a-federacao.ghtml>. Acesso em: 25 fev de 2022.

essa conquista no ano de 2020¹⁴, não tendo mais essa disparidade em relação as diárias nas competições e premiações.

Ainda que meios de comunicação esportivos como rádio, televisão, por exemplo, sejam compostos por homens e foquem majoritariamente no público masculino, é possível observar que as mulheres têm conquistado esses espaços. Hoje em dia é possível identificar repórteres, comentaristas, jornalistas e narradoras. Obviamente que ainda é um número pequeno quando se compara a presença de homens nesse espaço, entretanto, a ocupação vem acontecendo. Ações em clubes, empresas, redes televisivas vêm sendo feitas e tomadas, pela reivindicação de mulheres nesse espaço. Giulianotti (2002, p.208) traz que “os clubes de futebol e as autoridades não são, claro, responsáveis pela educação [...]”, porém, “[...] reproduzem essas profundas desigualdades ao abrir o futebol para um desagrilhado sistema de mercado, prejudicando as pessoas por causa de sua classe (e, da mesma forma, e sua raça e gênero)”.

A história do futebol não está desconexa de acontecimentos da realidade. Acontece concomitantemente a tantos outros, e acaba, por sua vez, ser um reflexo da própria sociedade patriarcal¹⁵. Não à toa, com o passar dos séculos e décadas, pessoas do sexo feminino foram se colocando, apesar de tantas barreiras e obstáculos, a vista e a frente de empregos, movimentos, espaços masculinizados historicamente e sendo protagonista de suas próprias vidas e escolhas.

2.1 FUTEBOL NO BRASIL: CONTEXTUALIZAÇÃO DOS CLUBES GRÊMIO FOOTBALL PORTO-ALEGRENSE E *SPORT CLUB* INTERNACIONAL

Como abordado na primeira parte deste capítulo, a história do futebol é controversa e seu surgimento em escala global é discutido. Especificamente em terras brasileiras, a chegada desse esporte, nessa versão, se deve a um homem conhecido como Charles Miller. Trevisan (2019, p. 14) aborda em sua obra que Miller, nascido em São Paulo no ano de 1874, era filho de um escocês que acabou vindo para o Brasil com o intuito de trabalhar em uma ferrovia. Com destino as terras inglesas, foi estudar fora aos 10 anos de idade e quando retornou, trouxe consigo uma bola e um livro cheio de regras.

¹⁴ Presidente da CBF anuncia diárias iguais a homens e mulheres nas seleções e premiação igual os jogos. GE Globo, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/presidente-da-cbf-anuncia-diarias-iguais-a-homens-e-mulheres-nas-selecoes-e-premiacao-igual-nos-jogos.ghtml>>. Acesso em: 25 fev de 2022.

¹⁵ “Sistema social segundo o qual os homens estão no centro, como chefes de família, na vida social e política, na transmissão de valores patrimoniais pelo lado paterno”. PATRIARCADO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/patriarcado/>. Acesso em: 13 maio 2021.

O autor (2019) ainda comenta que o intuito do Charles, denominado como o pai do futebol, era de apresentar ao Brasil o que de fato era esse esporte que o deixou tão apaixonado. De acordo com Trevisan (2019, p.15), no dia 14 de abril de 1895 se disputou a primeira partida de futebol entre Gas Company of São Paulo x São Paulo Railway Company. Miller participou dessa partida e ganhou pelo Railway Company, além disso, criou a Liga Paulista de Futebol, a qual antecedeu a Federação Paulista de Futebol. Teixeira (2016, p. 14) pontua que nessa época quem integrava esses times que eram montados por agremiações ou clubes esportivos, eram brasileiros e ingleses da alta sociedade paulistana, como nesse caso Charles Miller.

Nessa mesma época em que Charles retorna ao Brasil, clubes vão começando a aparecer e se construir e aos poucos trazendo pessoas que gostam e apreciam estar nesse meio. Entretanto, o acesso ao futebol e também a esportes era restrito a pessoas com maiores rendas e sobretudo, como mencionado acima, homens brancos da alta sociedade. Souza e Ribeiro (2020, não paginado) comentam que a história do futebol no Brasil contada pela literatura, enfatiza que os filhos dos burgueses viajavam para Europa, especificamente Inglaterra e quando retornavam ao país natal, traziam consigo artefatos futebolísticos. Em consonância, Teixeira, mestre em Desenvolvimento Humano e tecnologias (2016, p. 14) traz que “essa modalidade esportiva era vista em nosso país como um símbolo da modernidade europeia, sendo assim um “item” de grande desejo da elite brasileira, que enxergava que o futebol apenas poderia ser praticado por sujeitos de igual condição social e racial”.

Apesar de sabermos que o futebol atinge diversas camadas sociais, por um certo tempo foi restringido a pratica em clubes, acesso somente liberado a quem não fosse negro, pobre e mulher. Teixeira (2016, p. 15) ainda comenta que “uma das maneiras de impedir a amalgamação do futebol de elite com a camada popular brasileira eram os altos valores que as ligas desportivas cobravam dos clubes filiados”. Por mais que esse fosse um impeditivo, isso não quis dizer que as pessoas pudessem praticar fora desses centros esportivos ou em clubes. A classe operária¹⁶, tal como Teixeira traz, não deixou de criar suas raízes e identificações para com o esporte, apesar desta barreira palpável entre elite e trabalhadores.

De acordo com Franco Júnior (2007, p. 63 apud Teixeira, 2016, p. 15) “as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times

¹⁶“A popularização do futebol no Brasil deu-se pela abertura das portas do jogo para pessoas humildes, comumente negros e pardos. O aumento do público gerou as primeiras vozes dentro do esporte a favor da profissionalização como uma forma de gerar dinheiro em torno da popularidade movida nos estádios e pela imagem de atletas e clubes. O futebol registra neste momento os primeiros traços de sua ligação com identidades sociais no Brasil”. BRESQUE, Gabriel Alves. **Virilidade e produto midiático: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho**. 2020, 125 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade ao mimetismo”. Além disso, Teixeira traz uma discussão interessante no que diz respeito ao preconceito que isso gerava, ademais, a mesma traz uma outra citação importante que explica o que se entendia como sociedade nessa época em que o futebol começava a se enraizar entre os diversos grupos.

Apontado por Giarola (2003, p. 71 apud Teixeira, 2016, p. 15):

Desde então já se podia observar o comportamento discriminatório, racista e preconceituoso extremamente acentuado e generalizado na sociedade brasileira, onde os negros eram excluídos e oficialmente não podiam participar dos jogos, e muito menos as mulheres, pois o futebol era visto como atividade essencialmente masculina, marcada pela força e violência do contato físico, características incompatíveis para o corpo mulher e consideradas próprias para construir e reforçar a identidade do corpo homem.

Entender como se deu o processo inicial de consolidação do futebol no Brasil nos ajuda compreender como o evento futebolístico foi chegando até as pessoas e também como foram surgindo diversos clubes de futebol espalhados em diferentes estados no território brasileiro.

Nesta pesquisa, para investigar o lugar das mulheres relacionadas ao universo do futebol e conseguir registrar os relatos de quem frequenta espaços pré-concebidos como masculinos, como: os estádios, os bares (nos dias de jogos), as ruas do entorno do estádio em dia de jogo, foi necessário focar na realidade próxima das vivências cotidianas da pesquisadora. Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional, respectivamente conhecidos como Grêmio e Inter, são dois clubes oriundos da cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Foram escolhidos, pois fazem parte da identificação clubística das torcedoras, assim como minha. O Grêmio é um clube centenário de grande importância no Brasil e mundo. O clube tem uma grande expressão quando se menciona o número de torcedores¹⁷, assim como títulos importantes. É campeão mundial/intercontinental¹⁸,

¹⁷ Segundo DATAFOLHA, Grêmio e Internacional compreendem, respectivamente, 4 e 3% dos torcedores e torcedoras de futebol no Brasil. Flamengo é time mais popular do Brasil. **Data Folha**, 2019. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/09/1988413-flamengo-e-time-mais-popular-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

¹⁸ “A Copa Intercontinental foi disputada entre 1960 e 2004 entre os campeões da Libertadores e da Liga dos Campeões”. Fifa reconhece o Grêmio como campeão mundial de 1983. **Gauchazh**, 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2017/10/fifa-reconhece-o-gremio-como-campeao-mundial-de-1983-cj99q5s5900ii01lcjphslv03.html>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

tricampeão da Copa Libertadores da América¹⁹, pentacampeão da Copa do Brasil²⁰ e bicampeão do Brasileirão²¹. Sport Club Internacional, assim como o Grêmio, tem uma gigantesca relevância nacional e internacional. Surgiu em 04 de abril de 1909, é um clube campeão mundial, bicampeão da Copa Libertadores da América, campeão da Copa do Brasil e três vezes campeão do Brasileirão.

No entanto, antes mesmo do futebol chegar em terras porto-alegrenses e também antes mesmo desses dois clubes aclamados surgirem, outros esportes eram protagonistas na época, tal como remo, corrida de cavalos e entre outros. Damo, doutor em Antropologia (2002, p. 60) comenta que o futebol predominava na cidade portuária de Rio Grande e certo dia os alemães fundadores do Sport Club Rio Grande foram convidados a visitarem a capital gaúcha, prontamente organizado por Oscar Canteiro, uma espécie de Charles Miller do Sul. O mesmo chegou ao jornal Correio do Povo e encontrou a nata da sociedade porto-alegrense, tal como representantes de clubes dos esportes que haviam ali na cidade, então ali mesmo compuseram a comissão organizadora do evento. Alinhado ao *site*²² do Grêmio, essa visita tinha o intuito de exibir o futebol jogado pelos europeus que faziam parte do clube de Rio Grande e esse jogo ocorreu no dia 07 de setembro de 1903. Dias após esse jogo, especificamente em um 15 de setembro, um grupo de homens fundaram o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

Cabe destacar a rivalidade Grenal²³. Ambos os clubes são predominantes em apego quando se relaciona a identificação dos torcedores e torcedoras no estado. Além disso, o futebol gaúcho se difere em algumas coisas quando comparado ao estilo brasileiro de se jogar. Bresque, doutorando em Sociologia (2020, p. 41) comenta que o estilo brasileiro de futebol é algo inspirado em Pelé, o maior ídolo do futebol brasileiro, que é levado em consideração um jeito

¹⁹ “Torneio anual envolvendo clubes sul-americanos. O campeão representa a América do Sul no Campeonato Mundial de Clubes”. O campeonato existe desde 1960. Copa Libertadores da América. **Museu do futebol**, s.d. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/605047/#:~:text=Torneio%20anual%20envolvendo%20clubes%20sul,e%20competi%C3%A7%C3%B5es%20classificat%C3%B3rias%20ao%20torneio.>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

²⁰ “A Copa do Brasil de Futebol é disputada no sistema eliminatório, popularmente conhecido no Brasil como "mata-mata". Os clubes são divididos em grupos de duas equipes com geralmente duas partidas, cada uma com uma equipe mandante do estádio. Passa a fase seguinte o clube que conseguir mais pontos”. O campeonato existe desde 1989 e o Grêmio foi o primeiro campeão da edição. Copa do Brasil de Futebol. **Quadro de medalhas**, s.d. Disponível em: < <https://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-brasil/historia-da-copa-do-brasil-de-futebol.htm>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

²¹ “O Campeonato Brasileiro de Futebol, também chamado de Campeonato Brasileiro, Brasileirão ou Série A, é a principal competição de futebol interclubes no país”. Campeonato Brasileiro. Quadro de medalhas, s.d. Disponível em: < <https://www.quadrodemedalhas.com/futebol/campeonato-brasileiro/historia-do-campeonato-brasileiro-de-futebol.htm>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

²² Fundação. **Gremio.net**, s.d. Disponível em: < <https://gremio.net/conteudo/index/44>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

²³ Nome dado ao clássico.

de jogar carregado de pedaladas e fintas. Já o estilo de futebol gaúcho pode ser comparado aos vizinhos argentinos e uruguaios, pois leva-se em consideração a entrega e a raça dentro de campo, não querendo se fazer um futebol bonito, mas sim buscando a vitória a qualquer custo. Dito isso, Bresque comenta que o próprio contexto histórico do estado do Rio Grande do Sul influenciou em como se dá o esporte bretão no estado, ou seja, “a origem do distanciamento gaúcho ao resto do Brasil é antiga e nasce de processos históricos que criaram a identidade gaúcha a partir da negação da brasilidade”. A rivalidade Grenal que também será mencionada a partir das entrevistas realizadas com as torcedoras tanto de Grêmio e Inter, enfatizam a dimensão que é esse clássico.

De acordo com Bresque (2020, p. 42):

A diferenciação do estilo gaúcho de jogar futebol é basilar para a determinação das características do principal confronto entre equipes do estado: o clássico Grenal. O confronto entre Grêmio e Internacional é uma das maiores rivalidades do futebol brasileiro e tem papel fundamental no processo de definição do estilo de jogar no Rio Grande do Sul e nas expectativas que jogadores e membros dos clubes carregam dentro e fora de campo.

A rivalidade Grenal acontece há mais de 100 anos. O surgimento dos clubes justifica também como foi sendo construída essa relevância toda para com o clássico. Como mencionado mais acima, o Grêmio em seu início de história recrutava pessoas da elite da sociedade, além dos europeus, especificamente alemães. Com isso, os fundadores do Sport Club Internacional foram aqueles que não puderam ingressar no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense devido as suas restrições impostas. Bresque (2020, p. 42) menciona que os fundadores do Inter foram os irmãos Poppe e os mesmos fundaram o clube no intuito de abrigar pessoas imigrantes, tornando mais democrático o acesso. Os irmãos Poppe tentaram afiliar-se no Grêmio, porém foram barrados e é aí então que surge o clube no ano de 1909.

Bresque (2020, p. 43) traz que o Clássico Grenal é o principal produto do futebol gaúcho, uma vez que a mídia esportiva do estado enfatiza sempre a relevância do clássico e sobretudo, a relevância que tem para os torcedores. Ademais, o autor (2020, p. 45) menciona que “a rivalidade entre Inter e Grêmio é o combustível para o dia a dia e o interesse público com o futebol e a cobertura que o segue, da mesma forma que a busca por uma “distinção gaúcha” impulsiona o surgimento de um estilo gaúcho de jogar futebol”.

Retomando o que foi abordado na parte inicial do capítulo 1, percebemos como o espaço pode ser transformado todos os dias em diferentes tipos de situações. O futebol tem o poder de alcançar qualquer pessoa que se interesse em acompanhar a prática esportiva, mas ao mesmo

tempo em que tem esse poder de fazer com que várias pessoas se aproximem, faz com que barreiras sejam criadas. É totalmente perceptível que o futebol é um reflexo da sociedade, principalmente no que compete o esporte futebolístico em reproduzir ações masculinizadas e heteronormativas, comportamentos basicamente exigidos para aqueles que ali se fazem presentes e fazendo com que se crie um ambiente de insegurança para aqueles e aquelas não confortáveis com esses tipos de comportamentos dos sujeitos.

No capítulo a seguir, vamos compreender um pouco de como autores e autoras da ciência geográfica e outras áreas compreendem a conceituação de gênero e machismo que são extremamente importantes para esse trabalho, visto que levamos em consideração as desigualdades e principalmente a desigualdade de gênero que as mulheres torcedoras enfrentam diariamente na esfera do futebol.

3 GEOGRAFIA E GÊNERO

O campo de estudos de gênero e sexualidade tendem a ser extremamente pluri-multidisciplinares. Há autores e autoras da sociologia, como por exemplo, Bourdieu e Heleieth Saffioti, filósofas(os) como Beauvoir, Butler, Angela Davis e Preciado, historiadoras como Scott, Linda Nochlin, geógrafa(os) como Janice Monk, Susan Hanson, Linda McDowell, Gillian Rose, Diana Lan, Monica Colombara, Joseli Silva, Marcio Ornat.

Joseli Maria Silva, em sua trajetória geográfica e feminista, na obra *Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades* (2009, p. 25) contribui em seus escritos com uma visão de indagar o porquê há tanta defasagem de debates sobre grupos invisibilizados em nossa sociedade pelo viés da ciência geográfica e como esse “silêncio” da ciência faz com que quase nada se produza sobre.

Silva (2009, p. 26) afirma que a ciência geográfica carrega a heteronormatividade, a branquitude e masculinização dos debates que cerceiam desde quando se entendeu o que era geografia, e por consequência, o debate e estudos sobre grupos e temas como gênero, machismo, binarismo, que até então não era cogitado a possibilidade de estudar, começou mais tardiamente. Silva, Nabozny, doutor em Geografia e Ornat também doutor em Geografia (2011, p. 24) comentam que a invisibilidade feminina no discurso geográfico precisa ser questionada, uma vez que a Geografia tem seus conceitos e métodos oriundos de colonialismo e sobretudo, um olhar masculinizado para os debates que ocupam a ciência geográfica. Com isso, de acordo com os autores, no caminho da construção de uma visibilidade feminina nos debates geográficos, começou a surgir os estudos da geografia das sexualidades. O surgimento desses estudos questiona a epistemologia branca que ocorria na construção científica como um todo.

A inserção de mulheres debatendo e trazendo em pauta temas tão importantes quanto esses, se deve a toda trajetória que outras mulheres construíram ao longo da história. O feminismo²⁴ possibilitou e abriu diversas portas e janelas para que isso acontecesse, e principalmente, que acontecesse uma geografia feminista. Silva (2009, p. 27) contribui que nos anos 60 a segunda onda feminista foi fundamental para que as geógrafas nos anos 70²⁵

²⁴[...] podemos defini-lo como o desejo por democracia radical voltada à luta por direitos daqueles que padecem sob injustiças que foram armadas sistematicamente pelo patriarcado. TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: https://trechos.org/wp-content/uploads/2020/10/Feminismo-em-comum-www.trechos.org_.pdf. Acesso em: 01 maio 2021

²⁵ “Esse movimento, que inicialmente era composto de mulheres brancas de algumas grandes universidades européias e norte-americanas, cresceu com a renovação do pensamento geográfico, sobretudo nas correntes pós-estruturalistas e pós-coloniais”. SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio José. **A visibilidade**

começassem uma movimentação de questionamentos para com a hegemonia branca e heteronormativa que dominava a ciência geográfica a partir de três princípios, sendo eles: “construir a igualdade entre homens e mulheres no âmbito da disciplina; centrar as investigações geográficas sobre as mulheres; e desafiar as filosofias, conceitos e metodologias que sustentavam a hegemonia da geografia masculina”.

A autora (2009, p. 28) menciona que havia denúncias sendo feitas, pois a invisibilidade das mulheres contribuindo na Geografia, principalmente na parte humana, era quase que sempre desconsiderado, fazendo com que as teorias feministas não pudessem ser desenvolvidas dentro dos espaços acadêmicos. Silva (2009, p. 29) aponta que:

As mulheres, para praticar a geografia, devem assumir as referências masculinas de ciência, uma vez que o lugar central da enunciação do discurso geográfico é, como visto, o homem branco, burguês e heterossexual, e esta posição permite a hegemonia de suas concepções sobre o gênero, a raça e a sexualidade.

Como nossa sociedade foi se construindo cada vez mais patriarcal, os papéis vão se designando desde quando descobrem nosso sexo biológico em período de gestação. Graças a toda movimentação e luta de mulheres e pessoas que colaboram com os ideais de igualdade de gênero, podemos estar desconstruindo esses papéis subalternizados. Percebemos que mesmo num espaço acadêmico, onde se espera uma desconstrução maior para com esses paradigmas de desigualdades de gênero, ainda se perdura e permanece relações de poder. Conforme Cesar, doutora em Geografia (2015, p. 29) a participação das mulheres no ramo científico foi repleta de conflitos e tensões e sobretudo, os cargos direcionados a elas eram sempre inferiores à dos homens.

Cesar (2015, p. 37) aponta que para acabar com a hierarquização dentro da ciência geográfica, a Geografia Feminista luta para que temas como o de gênero sejam transversais, principalmente na Geografia Humana. Se faz cada vez mais necessário debater e principalmente entender essas conceituações que vem aparecendo cada vez mais dentro desses espaços acadêmicos e principalmente fora dele.

Ademais, a paráfrase de Silva (2009 apud Cesar, p. 37) menciona que compreender as ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico é poder reconhecer que estas características não são frutos do mero acaso e sim de uma determinada forma de conceber e de fazer a Geografia. Conforme Silva, Nabozny e Ornat (2011, p. 26) após todas as denúncias que

ocorreram sobre esse discurso masculinizado e elitista, de desigualdade de gênero, o conceito de gênero começou a ser utilizado na Geografia. Entendendo como perdura as relações de poder, as desigualdades colossais de gênero, podemos criar espaços de luta e de acolhimento, e principalmente espaços de entendimento. Dessa forma, compreendemos que há diversos conceitos e significados para com a palavra gênero.

Do dicionário²⁶, “Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais”. Dessa forma, percebemos que ao nascer é atribuído às mulheres papéis de gênero. Como uma mulher deve se comportar, reagir, torcer e se emocionar?

Conforme Silva, Nabozny e Ornat (2011, p. 28):

O conceito de gênero agrega a dimensão social e cultural da diferença sexual, adotando a perspectiva da construção social dos papéis sociais que devem ser desempenhados por homens e mulheres e nega a construção universal das diferenças, implicando a compreensão dos papéis em determinada estrutura temporal e espacial. Além disso, adota-se a perspectiva relacional, em que as mulheres são concebidas na sua relação com os homens.

Os autores ainda argumentam que o gênero precisa ser compreendido além da designação dos papéis a serem desempenhados através de um corpo. O gênero acaba sendo uma construção social onde espera-se que tal indivíduo seja como as expectativas de uma sociedade. Ainda para os autores (2011, p. 31) na construção cultural do papel feminino que se espera que seja desempenhado socialmente, traz padrões comportamentais que as pessoas reproduzem, isso se enraíza cada vez mais e pode acontecer através dos sentimentos, sexualidade, reprodução e divisão do trabalho. Esses dois gêneros atribuídos e pensados sócio espacialmente em local de trabalho, lazer e entre outros causam estranheza quando são vistos fora do espaço que se é esperado.

Para a historiadora Scott (1995, p.14), gênero pode ser compreendido como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 16). A partir da definição e entendimento do conceito de gênero, percebemos que ainda se reverbera, seja em qualquer hemisfério, o binarismo²⁷ de sexos, ou seja, apenas masculino e feminino, além de

²⁶GÊNERO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. Acesso em: 13 maio 2021.

²⁷“Também denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo”. JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed.

que, esses corpos ditos masculinizados e feminizados, devem se portar e performar a partir desse determinismo biológico. E, como Scott, afirmou acima, esse determinismo, faz com que as relações de poder se intensifiquem.

Para a filósofa Butler (1988, p. 3/4) nos traz a seguinte consideração sobre esse determinismo e atos performáticos pré-estabelecidos desde que nascemos.

A teoria feminista tem com frequência se mostrado crítica em relação a explicações naturalistas do sexo e da sexualidade que pressupõem que o sentido da existência social das mulheres pode ser derivado de algum fato de sua fisiologia. Ao distinguir entre sexo e gênero, teóricas feministas vêm questionando explicações causais que pressupõem que o sexo determina ou impõe certos significados sociais à experiência das mulheres. Teorias fenomenológicas da corporeidade humana também se mostraram interessadas na distinção entre, por um lado, as várias causalidades fisiológicas e biológicas que estruturam a existência corporal e, por outro, os significados que essa existência corporificada assume no contexto da experiência.

Ou seja, se é esperado que as mulheres desempenhem papéis biológicos que é o de ser mãe, apenas ou tantos outros que se atribuem através dos corpos. Butler (1988, p. 5) contribui através do pensamento de Beauvoir que a ideia de mulher vem da construção histórica e o gênero se manifesta como uma interpretação cultural. Sendo assim:

De acordo com essa distinção, ser mulher é uma facticidade sem significado, mas ser mulher é ter se tornado mulher, ou compelir o corpo a se conformar a uma noção histórica de “mulher”, induzir o corpo a se tornar um signo cultural, a se materializar obedecendo uma possibilidade historicamente delimitada, e a levar adiante esse projeto corporal de modo contínuo e reiterado.

Voltando ao decreto-lei citado no capítulo 1, o próprio decreto impõe que as mulheres devem respeitar e apenas responder ao seu papel determinado pelo seu gênero e sexo. Não há nenhum problema em responder a esse determinismo biológico, porém, não é apenas sobre isso que as mulheres são e podem ser, há mais possibilidades que a maternidade e outros papéis que se espera que mulheres desempenhem. Com isso, estar presente dentro de um espaço construído socialmente como masculino, vai contra ao determinismo biológico desde que nascemos, porque se entende que as mulheres não devem ocupar o espaço do futebol, seja como jogadora, torcedora, juíza e tantos outros.

Quando mulheres se reconhecem como seres de direitos e compreendem as desigualdades de gênero, o machismo cotidiano deixa de ser naturalizado. A não participação ou a participação reduzida de mulheres numa esfera masculinizada é de fato preocupante, pois mesmo que não houvesse um impeditivo de não praticar ou torcer pelo esporte ou de se integrar em qualquer outra área, o não incentivo também se torna conivente com esse mundo cheio de binarismos que vivemos.

Não questionar do porquê é comum ver um menino se interessar pelo futebol e uma menina não, naturaliza comportamentos de papéis de gênero. Qualquer espaço é um espaço onde um indivíduo pode criar sua narrativa e sua vivência, conforme a Massey (2008) contribui e citada no primeiro capítulo.

Conforme doutoranda em História, Araújo (2019, p. 77) “a mulher presente nos estádios de futebol frequentemente enfrenta a virilidade do ambiente machista, comumente expressa pela frase “futebol é coisa de macho” ou “futebol é esporte de homem”. Essa virilidade do ambiente machista reflete em ações que tornam totalmente desconfortável na maioria das vezes estar nesse lugar, seja no estádio, em bares, e etc. Segundo professora Drumont (1980, p. 81) “[...] o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” e, ainda, entende-se que:

O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino para tanto o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela “liderança” masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher “tornam-se” homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos.

Um dos aspectos dessa desigualdade de gênero manifestada em ambientes como esses, é a insegurança através do corpo. Araújo (2019, p. 79) atribui que o corpo das mulheres torcedoras se torna um apelo sexual, sempre destacando a beleza, além de ver o corpo como uma mera mercadoria e ademais, “o corpo da torcedora mulher está a serviço dos desejos sexuais daquele que detém o poder dentro de culturas futebolísticas machistas, como na sociedade patriarcal brasileira”. Além do mais, nós enquanto mulheres e não apenas torcedoras, precisamos nos certificar que sabemos tudo sobre qualquer coisa.

Como mencionado no capítulo 1, apesar de Marta ser uma das melhores jogadoras da história mundial do futebol, isso não quis dizer nada, pois apesar da mesma comprovar ser ótima, ainda assim ela enfrenta a discrepância salarial, insultos e comentários machistas

diariamente. Araújo (2019, p. 79) lembra o apelido de “Maria chuteira”. Esse apelido ou melhor essa ofensa se refere as mulheres que estão nesse meio futebolístico como apenas “adoradoras dos corpos masculinos”, ou seja, estão apenas nesse ambiente para reparar nas coxas grossas ou na barriga “tanquinho”. E, além disso, esposas de jogadores de futebol são constantemente julgadas por estarem em um relacionamento com os mesmos, pois atribuem que apenas o dinheiro é o que importa nessa relação.

Algo que também precisa ser mencionado nessa questão desigual de gênero e machista, é os comportamentos e ações que são esperadas. Quando um homem não corresponde ao padrão comportamental que se espera, logo se relaciona que o mesmo não é “homem”. Conforme Araújo (2019, p. 82) “para ser legitimado no universo futebolístico o indivíduo precisa ser exclusivamente masculino, impedido de exercer totalmente a complexidade de sua personalidade subjetiva”. E, ainda “o universo futebolístico supervaloriza a virilidade em oposição a características impostas ao gênero feminino”.

Goellner (2021, p. 105) afirma que “se os corpos são plurais, os gêneros também o são”. A autora afirma que os corpos não podem ser atribuídos apenas ao gênero construído socialmente, pois isso faz com que nossos pensamentos e condutas se direcionem a lógica binarista, e sobretudo pensar assim, atribui que as pessoas não são diversas. A autora (2021, p. 109) contribui que as relações de poder e hierarquização de posições perante a sociedade, interliga-se com as violências, abusos, discriminações que os corpos são alvejados. Ainda, no esporte as violências podem ser sutis, acontecendo no modo público ou privado.

Goellner (2021, p. 210) traz que “ser privada da oportunidade de vivenciá-lo consoante os próprios desejos em função de imposições culturais que se travestem de naturais indica quão misógino é o ambiente esportivo”. A autora reitera que o esporte precisa ser lido nesse contexto mais crítico, pois comportamentos são naturalizados dentro dele, e além do mais, a prática e a vivência dentro do futebol nos empodera cada vez mais.

Nesse capítulo conseguimos visualizar como o conceito de gênero é compreendido e como é abordado por autores e autoras da Geografia. Os debates, principalmente em esferas universitárias, como comprova a geógrafa e professora Lindo (2021), vem crescendo. Ainda temos um grande caminho a percorrer, mas as mudanças vêm acontecendo de forma efetiva.

No capítulo a seguir, está destinado as colocações das entrevistadas perante entrevista e análise do produto cartográfico *Relief Maps*. As mesmas responderam 13 perguntas semiestruturadas e foram contextualizando suas vivências e entendimentos no meio do futebol.

4 LUGARES E PERFORMANCE DAS MULHERES TORCEDORAS DA DUPLA GRENAL

Esse capítulo é destinado ao relato de mulheres torcedoras da dupla Grenal, cujo objetivo foi: i) questionar o papel subalternizado e invisibilizado das mulheres no futebol por meio das suas respectivas vivências como torcedoras e ii) identificar e revelar tipos de violência física, psicológica, moral vivenciada pelas mulheres torcedoras. Dessa forma, esse capítulo mostrará as vivências e entendimentos de seis mulheres torcedoras da dupla Grenal sobre o futebol mediante entrevistas e com análise de conteúdo da professora Bardin (1977). As perguntas foram divididas em três blocos: O primeiro teve uma pergunta centrada no perfil da entrevistada, para que fosse possível conhecer a pessoa. O segundo bloco focou na relação com o futebol na infância. O terceiro bloco buscou identificar elementos da relação das entrevistadas com o futebol na adolescência e no quarto e último bloco o foco foi na relação com a vida adulta. Também utilizamos a metodologia da doutora em Geografia, Rodó-de-Zárate (2014) com produto final cartográfico *Relief Maps* e que será o orientador das análises.

O grupo de mulheres participantes se deu a partir de busca de torcedoras do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre e do *Sport Club* Internacional, torcedoras (mulheres cisgêneros de 20 à 34 anos; de diferentes orientações sexuais, rendas distintas e etnia e/ou cor (branca, preta, parda, indígena, amarela). As torcedoras estão identificadas com nomes de jogadoras atuais dos clubes Grêmio e Internacional. As torcedoras gremistas estão identificadas com jogadoras do clube tricolor e as torcedoras coloradas com jogadoras do Inter.

4.1 RELIEF MAPS DAS TORCEDORAS

Os mapas de relevo ou *Relief Maps* podem ser utilizados a fim de mostrar algumas questões que as vezes em diferentes metodologias não se consegue perceber. Nesse caso, com essa metodologia, conseguimos visualizar tanto as desigualdades sociais construídas nesses espaços, assim como os privilégios de grupos que são mais abastados na sociedade. Rodó-de-Zárate (2014, p. 928) traz que: “Assim, eles são construídos como uma ferramenta que ajuda a pensar e analisar interseccionalidade, não como um fim em si mesmas”.

A autora ainda (2014, p. 942) contribui que:

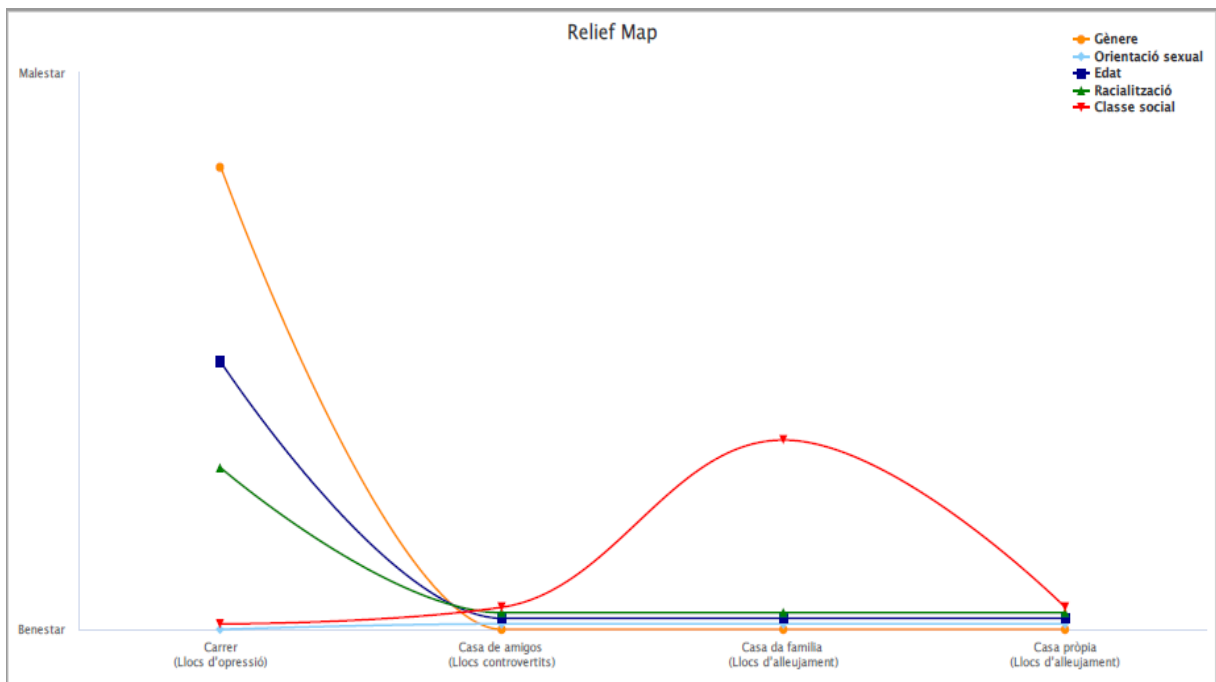
Os mapas de relevo aparecem como uma metodologia, como uma forma de analisar e exibir dados e como uma ferramenta para a conceitualização da interseccionalidade em si que mostra as conexões entre a produção sistemática de poder e a produção de espaço. Elas representam de forma visual e simplificada a complexidade da interseccionalidade e mostram os relevos tanto da opressão quanto dos privilégios.

Rodó-de-Zárate menciona bastante o conceito de interseccionalidade em seu trabalho, dessa forma, conforme a advogada e professora universitária Crenshaw (2002, p. 177) podemos entender que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Crenshaw correlaciona as estruturas de poder para estudar e analisar o gênero e outras identificações, tal qual Rodó-de-Zárate atribuiu a seus escritos. Essas intersecções, conforme Crenshaw (2002, p. 177) podem se cruzar entre um ou mais eixos (ou estruturas de poder). Dessa forma, abaixo seguirá os mapas produzidos e as análises a partir deles. Apesar da entrevista ter sido montada fazendo um paralelo com o futebol na infância, adolescência e vida adulta/presente, os lugares citados nos mapas do *Relief Maps* são apenas referentes as vivências da vida presente das mulheres torcedoras, assim como os relatos pertencem ao bloco 4 da entrevista.

Figura 10 - *Relief Maps* da entrevistada Bia.



Fonte: site *Relief Maps* com informações da entrevistada.

A entrevistada Bia é uma mulher negra, torcedora do Internacional, tem 20 anos, se considera heterossexual e sua renda é menor que um salário mínimo. Esse é o resultado das considerações que a entrevistada identificou. A entrevistada salientou que os lugares que frequenta/frequentou para assistir futebol é casa de amigos, familiares e casa própria. A rua está identificada como lugar de transição entre os locais que frequenta. A mesma mostra desconforto maior no que se refere a seu gênero quando passa pela rua, que é identificado como um lugar de opressão. Ela identifica também que sua idade gera um desconforto nesse local por a mesma ser mais nova e isso gerar possíveis assédios, além de que como é mais nova, automaticamente associar a pessoa não ter vivência ou conhecimento sobre algo. Em questão a sua cor, ela também identifica um desconforto, mas não tanto quanto o seu gênero, mesmo Bia sendo negra.

Em relação a sua classe social/renda, a mesma encontra uma variante entre conforto e desconforto na casa de sua família, uma vez que a mesma identificou que são pessoas de baixa renda. Em relação a sua etnia/cor, a mesma não aparenta ter desconfortos, a não ser quando foi mais acentuado na rua, em locais como casa de amigos (que mesmo classificado como controverso, não é a sua cor que a influência nesse local), casa da família e casa própria ela se sente bem e são classificados como lugares de alívio. A espacialidade nesse caso, não pode ser considerada sozinha, uma vez que o que interfere nesses lugares citados são as relações e as pessoas que ali estão.

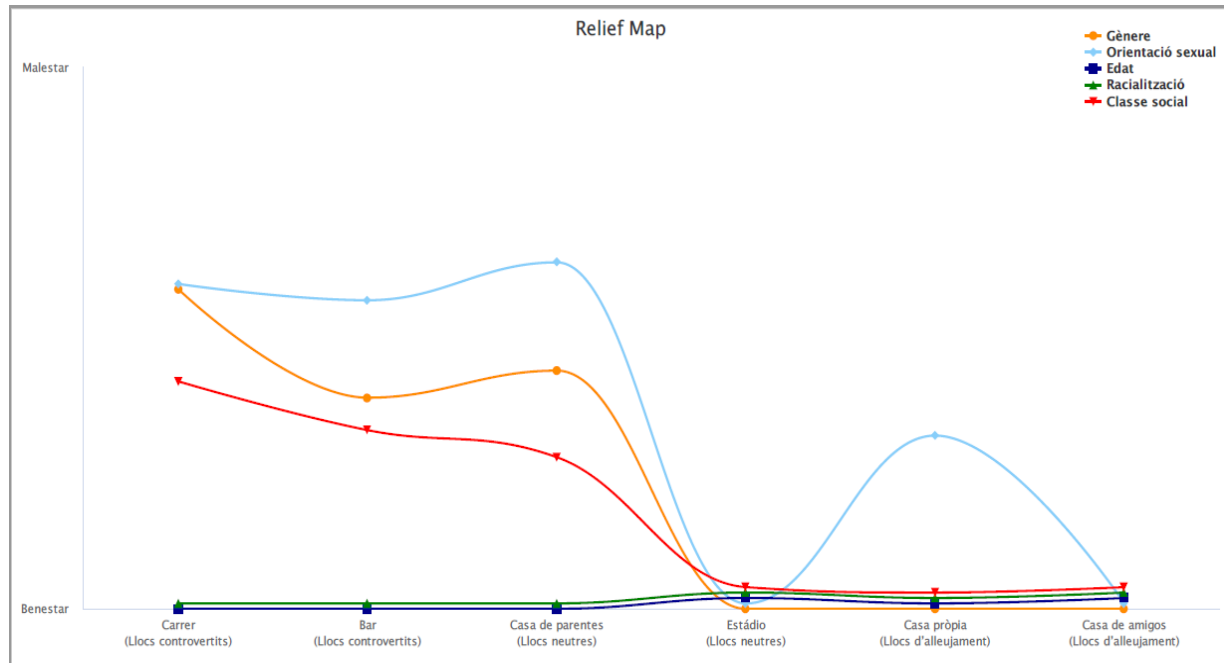
Algo que também pode ser considerado nesse mapa, é o fato da entrevistada ter relatado que hoje em dia não tem mais a mesma conexão com o futebol como antigamente, devido à ausência de acolhimento dentro desse espaço. Ela enfatizou que acompanha os jogos e informações pela internet e em casa, as vezes frequenta a casa de amigos. *“Tipo, por ter essa questão de não ter esse acolhimento, não fui, como não me sentia acolhida pra falar sobre isso, pra falar sobre futebol, formar minha opinião dessa questão, aí eu não fui pra esses espaços”*.

Bia identifica que sofreu bastante *bullying* em relação a seu corpo durante o período escolar. A aula de Educação Física, poderia ser o momento de jogar futebol, no entanto, ela disse: *“Os meninos não me escolhiam pra jogar porque eu era gordinha e aí essa questão, né? não queriam que a gente jogasse, que a gente não corria, então acho que eu senti bastante nessa questão”*.

Quando questionada sobre a pessoa que a influenciou gostar de futebol, ela destaca principalmente seu irmão, mas que, de acordo com seus relatos, a mesma foi identificando uma pequena aversão por não ter tido acolhimento em seu período de adolescência em espaços como a escola e com colegas. Então, no que se refere aos lugares onde a mesma procura conforto e

alívio, foi destacado sua casa, de amigos e familiares, por mais que alguma ou outra estrutura tivesse saliência destacada no mapa.

Figura 11 - *Relief Maps* da entrevistada Caty.



Fonte: site *Relief Maps* com informações da entrevistada.

Caty é uma mulher branca, torcedora do Grêmio, tem 31 anos, se considera bissexual e sua renda varia entre dois a quatro salários mínimos dependendo do mês. Ela elencou os lugares que frequenta para acompanhar futebol, sendo eles: bar, casa de parentes, estádio, casa própria e casa de amigos. A rua se destaca nesse caso também como lugar de transição e principalmente considerado quando a mesma acompanha jogos em bares e precisa passar pela rua nesses dias específicos. (ver fig. 11, mapa 2)

As linhas vermelho, laranja e azul (do *Relief Maps*) identificadas como classe/renda, gênero e orientação sexual respectivamente mostram sinuosidades, saindo de um bem-estar, ou seja, a partir dessas identificações, a entrevistada pontuou que sente leves desconfortos no que diz respeito a seu gênero e classe/social na rua, bar e casa de parentes, e um destaque maior se dá a sua orientação sexual em casa de parentes, pois a mesma se identifica como bissexual e isso gera nela um desconforto. Em sua casa própria também há uma sinuosidade no que diz respeito a sua orientação sexual, uma vez que também foge das “normalidades” esperadas em uma sociedade, e então, ligeiramente e ocasionalmente, sai da linha do bem-estar. A questão da

etnia/cor e idade são linhas que estão retas, ou seja, não a geram nenhum desconforto, o que também nos leva a entender que a entrevistada é branca, assim como ela mesma se identificou.

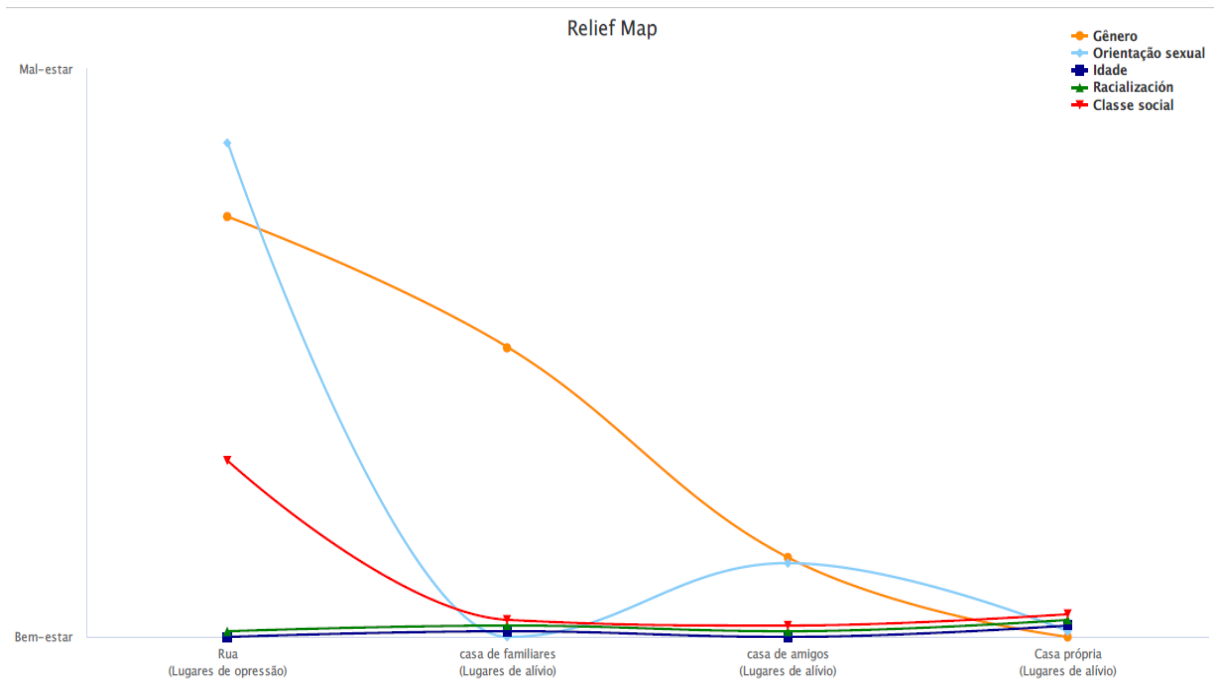
Especificamente em relação ao bar, a mesma relatou na entrevista que nunca aconteceu algo que ferisse a sua integridade física. De acordo com Caty a mesma considera que:

De modo geral, relacionado com o futebol, as coisas que houveram foram comentários maliciosos, ou olhares. Eu na verdade nunca vivenciei algo extremamente gritante na minha vida, nenhuma violência extrema, não me lembro de ter vivenciado nada, especialmente conectado com o futebol. Recordo apenas de comentários machistas.

Nessa localidade, o que a entrevistada aponta são comentários machistas e cantadas que acontecem, sem permissão e abertura para tal. Como a torcedora citou também que frequenta o estádio, nesse caso, ela identifica esse espaço como neutro, uma vez que nunca lhe ocorreu nada e de acordo com ela:

Tu não vai no estádio de shorts curto, tu não vai de saia, tu sempre vai de calça, com a camiseta do time x mais larga, esse tipo de coisa acaba acontecendo, mas a última vez que eu fui no estádio, antes da pandemia, foi super tranquilo, sentamos na arquibancada norte, onde tem muita família, todo mundo estava preocupado com o time x, porque o jogo foi contra o time f e foi roubado aquele jogo, então eu acabei não notando nada nesse tipo de violência.

Os lugares que ela identifica como de alívio são sua casa própria e a de amigos, a mesma considera que se suas companhias recorrentes não lhe trazerem conforto, então não são seus amigos. A casa de parentes ela identifica como neutro, apesar de algumas estruturas serem abaladas, tais como: orientação sexual, gênero e renda.

Figura 12 - *Relief Maps* da entrevistada Mayara.

Fonte: *site Relief Maps* com informações da entrevistada.

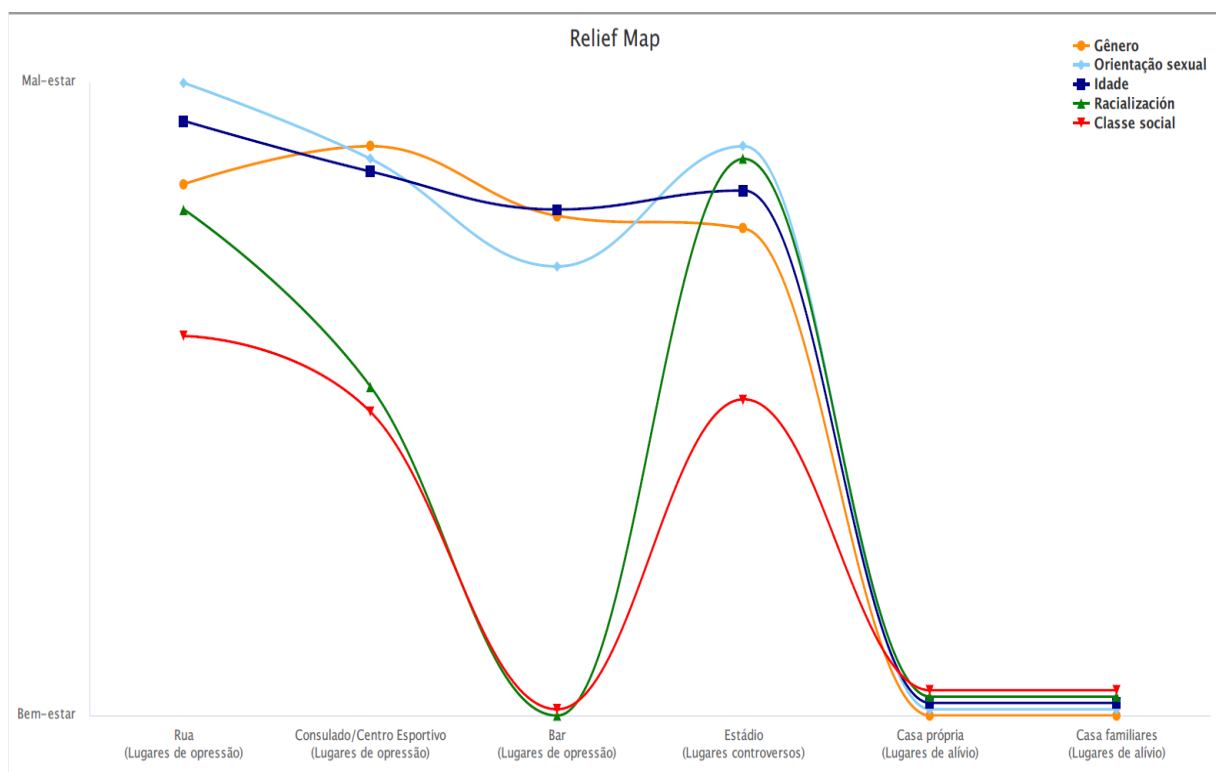
Mayara é uma mulher branca, torcedora do Internacional, tem 25 anos, é lésbica e sua renda é de um salário mínimo. Nesse caso, ela considerou os lugares que frequenta em casa de familiares, casa de amigos e casa própria. Identificou também a rua como uma transição entre esses lugares e que foi pontuado como “passar pela rua em dias de jogos”.

Em sequência, a entrevistada nos mostra em seu mapa (ver fig. 12, mapa 3) que sua classe social/renda mostra uma leve sinuosidade no bem-estar. Em relação a sua orientação sexual, a mesma identifica-se como lésbica, então dessa forma, o desconforto perante sua identificação é maior na rua. Quando foi questionado se ela, hoje em dia sente desconforto e medo pela orientação sexual e gênero, ela respondeu que sim e considerou que:

*Com certeza, porque vocês não tão me vendo, mas eu tenho cabelo curto e as vezes eu passo por homem, pra um que tá com raiva é só vir por trás. E esses dias quando, foi o jogo do Grêmio contra o Flamengo, eu sai com a fulana e tava com a camiseta do Inter, a gente foi ali no bar comprar um cigarro pra mim e gente passou pelo consulado do grêmio e acho que saiu três gol em 10 minutos, acho que o Flamengo tinha feito mais um ou sei lá, e eu ouvi os cara xingarem muito e aí eu falei fulana atravessa a rua, eu tenho medo e o time tava numa situação ruim, precisava da vitória e sei lá, vê um colorado na rua, as vezes tá p***, ta chateado com a situação do time, o rival ta passando ali. Então é o medo que a gente sente e pelo fato de eu também não representar ser uma mulher, eles pulam. E, também por eu ser mulher, que a gente sabe que o homem agride, isso não é um impeditivo. Aí eu tá ali com a camisa do Inter, eu me senti exposta, eu até evito usar a camisa do Internacional agora que começou a pindaíba do Grêmio, porque eu tenho medo que qualquer coisa as pessoas entendam como ah ta me debochando, ah ta me zoando, ta zoando o Grêmio, então é sempre com ressalvas.*

A torcedora Mayara relatou na entrevista e em seu mapa que não frequenta mais espaços públicos para acompanhar futebol, ela prefere ficar em casa ou na casa de amigos e familiares, que ela sabe onde é seguro. Afirmou que ela não transpõe a feminilidade esperada e isso é algo que a deixa extremamente desconfortável em relação a seu gênero, mesmo em casa de familiares.

Figura 13 - *Relief Maps* da entrevistada Monica.



Fonte: *site Relief Maps* com informações da entrevistada.

Monica é uma mulher negra, torcedora do Grêmio, tem 24 anos, bissexual e sua renda é maior que quatro salários mínimos e meio. No mapa 4, a entrevistada demonstra que frequenta casa de familiares, casa própria, estádio, bar e consulado/centro esportivo. Nesse mesmo caso, a rua aparece como um lugar de transição entre os outros lugares. A entrevistada classifica em unanimidade as cinco estruturas como bem-estar na sua casa própria e na casa de familiares, a mesma entende que esses dois lugares são lugares de alívio.

Diferente dos outros mapas, o mapa 4 (fig. 13) apresenta maiores sinuosidades. Em relação a sua orientação sexual, gênero e idade a mesma identifica desconfortos enormes no que se refere a rua, consulado/centro esportivo, bar e estádio. A torcedora relatou que não frequenta esses espaços públicos (ela classificou como 3 sendo de opressão e 1 controverso)

sozinha em dias de jogos, sempre está acompanhada de seu namorado e a entrevistada relata que se alguém assediar ela, ela não vai revidar.

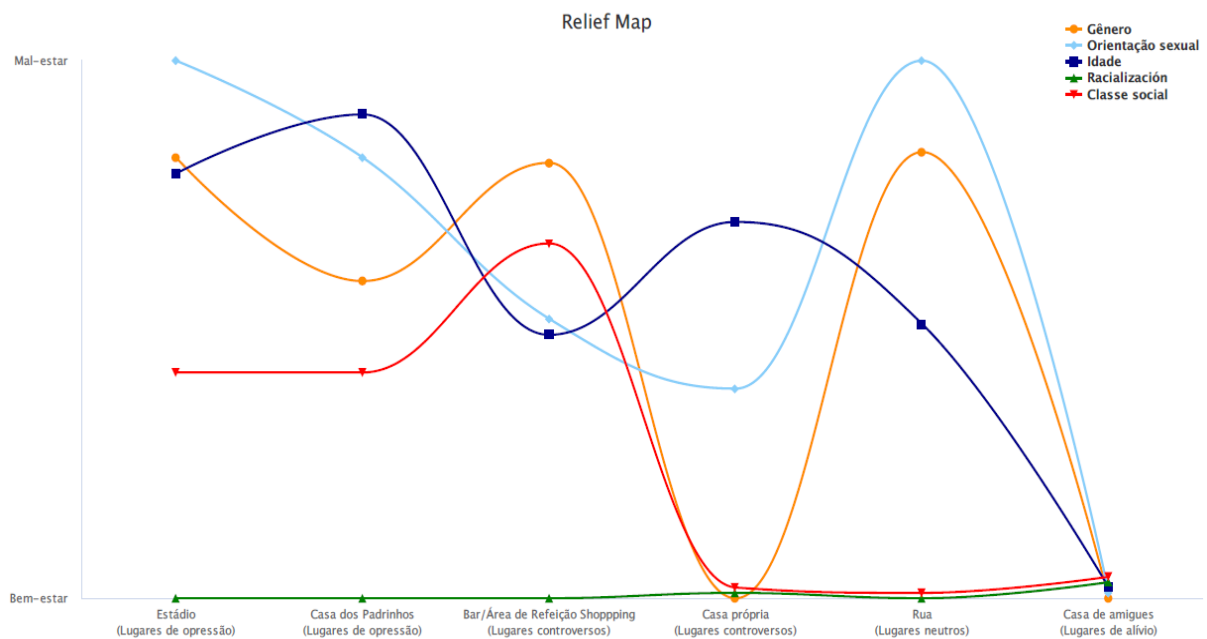
Se alguém mexer comigo eu vou ter que pegar, baixar a cabeça e ficar quieta, porque a gente não sabe o que as pessoas tão carregando, quem que é essa pessoa, a pessoa tem dificuldade, então tipo, tem que infelizmente não revidar, não só na...nessas, ali no consulado, mas em qualquer festa é assim também sabe?! Então a gente tem que ignorar pra não acontecer o pior. Aqui a violência é muito explícita, tipo a gente ta vendo e a gente vê muita notícia horrível, coisa que a gente nunca viu, sabe?!

Em relação a sua etnia/cor, a entrevistada é negra de pele mais clara, a qual mostra desconforto em relação a isso várias vezes, mas ela também considerou que por ser negra de pele clara, tem um privilégio, mas que de qualquer forma, sofreu racismo, não especificamente relacionado ao futebol, mas que foi racismo.

Quando questionada se ela iria sozinha nos lugares citados e como ela se sentiria, como ela se sentiria, Monica disse:

Eu acho que eu iria me sentir um pouco...tipo, não ia torcer na intensidade que eu torço com o fulano, sabe? Eu acho que eu ia me sentir um pouco mais acuada, ia ficar só de boa olhando pra tela. A gente torce, torce pela emoção, gritando enfim, mas se eu tivesse sozinha eu ia ficar mais de boa, sabe.

Isso demonstra a mudança de comportamento que as mulheres em sua maioria precisam se colocar. Acabam não demonstrando toda sua paixão e fervor por medo.

Figura 14 - *Relief Maps* da entrevistada Djeni.

Fonte: *site Relief Maps* com informações da entrevistada.

Djeni é uma mulher branca, torcedora do Internacional, tem 29 anos, bissexual e sua renda é entre um salário mínimo e meio a dois. A torcedora salientou que frequenta o estádio, casa dos padrinhos, bar/área de refeição do shopping, casa própria e casa de amigas, ela classificou esses lugares como: lugar de opressão, lugar de opressão, lugar controverso, lugar controverso e lugar de alívio respectivamente (ver fig. 14, mapa 5)

Ela também entende a rua como um lugar de transição, principalmente em dias de jogos, nesse caso também considerado do entorno do estádio. Há sinuosidade em 5 linhas, a única que se mantém no bem-estar é a da etnia/cor, na qual a mesma se identifica como branca.

Em relação aos lugares que frequenta, a torcedora mostra desconforto grandes variações de desconforto com mais de uma identidade em diferentes lugares. De acordo com sua orientação sexual, a mesma identifica um mal-estar no estádio e na casa dos padrinhos, sente desconforto também no bar/área shopping e casa própria, mas menos do que as anteriores citadas. A rua é o ápice do desconforto.

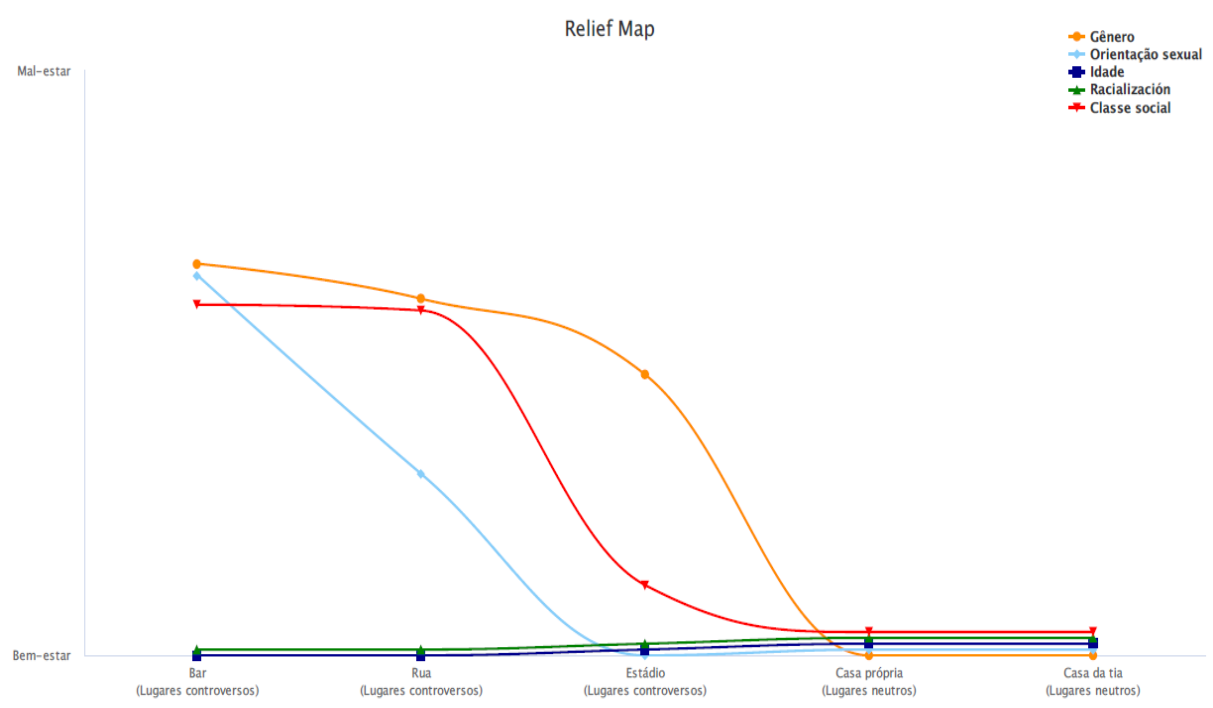
Sobre gênero, ela também apresenta desconfortos nesses lugares e os mais acentuados são a rua e o bar/área de refeição do shopping.

A idade também é algo que a deixa desconfortável. Algo que foi considerado também é que, principalmente pela orientação sexual e gênero, ela sente bastante desconforto, a mesma

considera que: “*Mas em espaços com mais gente e com torcedores x e torcedores y, eu acho que nesse dia não rola por eu estar com amigos, mas eu não consigo identificar nada vinculada o futebol, mas sim ao espaço, por ser um bar. Não é pelo fato do futebol, é pelo ambiente*”. Lugares como esse que a entrevistada 5 cita, independe dessa relação com o futebol, visto que esses espaços são categorizados como masculinos e dominados por essa categoria, dessa forma, se torna um local de opressão.

Questionada se ela mudaria de comportamento se estivesse sozinha nesses espaços identificados como opressores e controversos, Djeni colocou que teria que repensar sua roupa e se comportaria de uma maneira cuidadosa e com atenção, não achando um espaço seguro.

Figura 15 – *Relief Maps* da entrevistada Lorena.



Fonte: *site Relief Maps* com informações da entrevistada.

Lorena é uma mulher branca, torcedora do Grêmio, tem 34 anos, heterossexual e sua renda é de dois salários mínimos. De acordo com o sexto e último mapa, a torcedora elencou os lugares que frequenta para acompanhar futebol, sendo eles: bar, estádio, casa própria e casa da tia. A rua nesse caso também é entendida como um local de transição e considerado o entorno do estádio. A linha vermelha e laranja, de classe social/renda e gênero, respectivamente apresentam mal-estares, foge do seu conforto (ver fig. 15, mapa 6).

Dentro de sua casa própria e casa tia, classifica como lugares neutros, uma vez que para ela não lhe apresentam desconfortos, dessa forma, todas as suas identificações permanecem em linha reta horizontal. Lorena é uma frequentadora assídua do estádio, mais que outros lugares, ela entende esse espaço como um lugar controverso, onde também demonstra desconforto pelo seu gênero e minimamente pela classe social. A entrevistada relatou que sofreu uma situação de assédio dentro do estádio.

*Sim, eu era sócia superior leste e todos meus amigos eram superior norte, geralmente eu pedia pra alguém passar a sua carteirinha e alguém pulava a gradinha, por algum motivo teve um jogo que eu não consegui fazer isso, na Leste as cadeiras são marcadas, só que sentei numa cadeira que não era minha, bem do lado da grade pra ficar perto dos meus amigos, esse dia o jogo estava muito cheio e ai chegaram dois guris, isso em 2019, eles chegaram muito bêbados e eu já estava sentindo que ia me incomodar, um deles tava filmando não sei o que, ficaram do meu lado se rindo, perguntaram meu nome, eu respondi, mas não mostrei os dentes, e aconteceu uma coisa que até hoje eu penso, isso pra mim realmente isso não pode acontecer, eu não queria que o time x fizesse gol por medo do que ia acontecer, e aconteceu, o time x fez um gol e o guri do meu lado tentou me beijar, ai eu empurrei ele, não disse nada, e ele também tava muito bêbado, e acabou saindo dali, mas que m****, eu não queria ter o prazer de ver meu time ganhar porque eu não quero ser agredida como mulher.*

Ela ainda se questionou perante a ação de assédio do homem.

Eu já tinha uma visão crítica sobre as coisas e o futebol, e rapidamente passou pela minha cabeça o questionamento de eu ter feito alguma coisa, daí eu me liguei que a culpa não era minha, é do guri que por achar que a gente usa a mesma cor de camiseta ele tem direito de beijar. E se ele tá feliz e eufórico pelo seu time, beleza, mas por que ele então não tentou beijar o parceiro que veio com ele, alguém que ele já conhecia.

E, também considerou que [...] “*Meu caso foi dentro do estádio, imagina o que não acontece fora. Não sei se eu deveria ter sido mais incisiva enquanto isso, mas na ocasião não fui atrás, fiquei incomodada e magoada*”.

Questionada se mudaria de comportamento nesses lugares citados, ela respondeu que sim.

Sim, é a mesma troca de comportamento que eu tenho pra tudo na vida e não por ser mulher, mas por ser uma pessoa que tá vivendo numa cidade que não é segura, se eu puder ir de Uber ao invés de ônibus eu vou, se eu puder evitar de estar sozinha eu vou estar, são coisas que por ser mulher tenho esses cuidados independente do futebol. Eu sei que eu não posso encher a cara sozinha em algum lugar porque eu sou mulher, e é isso, os mesmos cuidados com qualquer rede social minha como mulher, talvez sim, eu pense mais na roupa.

Em relação ao estádio e a rua ao redor, a torcedora também identifica desconforto e relata que: “*Eu acho o entorno um ambiente estranho, parece que as masculinidades em volta do estádio são mais exacerbadas*”. Ainda sobre a rua, a torcedora classifica que:

E eu acho que dentro do estádio se as pessoas deixam de agir porque elas não fariam, elas deixam de agir por constrangimento, porque tem câmera filmando também. Se fosse acontecer uma violência muito grave talvez não acontecesse no estádio, eu não sei se seria estuprada, por exemplo, dentro do estádio, na rua não sei. A rua é terra de ninguém.

E, Lorena considera que: “*É muito difícil eu estar sozinha ao redor do estádio*”.

4.2 ANÁLISE DOS RELATOS: ENTRE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA PELA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA DO GÊNERO

As mulheres torcedoras, através de seus relatos, demonstraram que têm vivências parecidas, mas alguns pontos se diferem. Dessas seis mulheres entrevistadas, Caty, Mayara e Monica são da cidade A, entretanto, duas delas moram hoje em dia em cidades diferentes. As entrevistadas Djeni e Lorena são da mesma cidade e residem no mesmo município em que nasceram e a Bia nasceu em uma cidade e hoje reside em outra diferente. É importante considerar esse fato, pois as vivências com o esporte se tornam um pouco diferentes, as mulheres Djeni e Lorena conseguem ter uma presença maior em estádio dos seus times do que as outras, devido a logística.

Fazendo um paralelo entre os mapas e os lugares citados, todas entrevistadas citaram que assistem ou acompanham futebol em sua casa própria e na casa de familiares. Apesar de fazer esse movimento para acompanhar nesses lugares, nem todas têm as mesmas linhas de conforto e bem-estar como algumas apresentaram, das seis entrevistadas duas se sentem 100% em bem-estar no que se refere as suas identidades nas cinco estruturas nesses lugares citados. O espaço x vai ser mais difícil de lidar para uma pessoa do que outra por qual razão? Isso nos leva entender também que a produção do espaço não se dá apenas pelo que contém de concreto nele, ele se transforma e é construído pelas relações e pelas pessoas que ali estão.

Todas mencionaram a rua como um espaço de apreensão, de medo, controverso ou de opressão. Uma das entrevistadas se refere a rua como sendo uma terra de ninguém, ou seja, pelos relatos que foram sendo coletados durante as entrevistas e citados em alguns dos *Relief Maps*, as entrevistadas sentem que em maioria seu gênero é o que mais influencia, algumas citam a questão de mudar de comportamento ou até então a roupa é pensada.

Duas das entrevistadas mencionaram que não assistem jogos em bares, uma justifica que foi por conta de não ter tido acolhimento para com o futebol, principalmente na escola, e isso foi fazendo ela se afastar do meio esportivo e acompanhar mais distante e a outra justifica que não vai por uma situação que ela enfrentou, de acordo com ela:

A outra vez foi no bar x quando eu fui comprar uma coca e tava tendo um jogo do Grêmio e um gremista sabia que eu era colorada,, mas só fui comprar coca, nem fui secar nem olhei, mas era o único lugar que tinha pra comprar coca e ele começou e tava cheio de gremista lá, e ele começou a falar “sai dai colorada, sai dai” só que com a voz de homem bem grossa, bem forte e bem alta e as pessoas começaram a olhar pra mim e eu me senti muito exposta, por que eu pensei cara, meu deus eu peguei a coca e fui embora. O caminho do balcão até a porta eu fui rezando pra ninguém se levantar, porque se um se levantasse, os outros iam atrás. Então, eu não entendi porque ele fez aquilo, se ele quis brincar, se ele realmente tava chateado, se o Grêmio tava perdendo e ele quis descontar em mim. Mas foi assim, totalmente gratuito, eu só fui no estabelecimento comprar um refrigerante e por acaso tava passando um jogo e a torcida toda, e ele começou a incitar uma violência sabe, colocando um alvo nas minhas costas e aquela vez eu fiquei realmente com medo. Depois disso, como agora eu não frequento mais lugares justamente por medo, eu fico em casa.

Das seis entrevistadas, quatro mencionaram que frequentam o estádio para acompanhar os jogos. A entrevistada Caty considerou o estádio como um espaço neutro, a torcedora apenas reitera que ao sair de casa, ela pensa nas roupas que irá usar, no mais ela nunca se sentiu desconfortável por nenhuma das identificações que ela tem nas cinco estruturas do *Relief Maps*.

A entrevistada Monica identificou o estádio como um lugar controverso, apesar de nenhuma das linhas identificadas nas identidades da mesma estão num bem-estar total. Quando questionada se ela se já havia vivenciado alguma situação disse que não. A entrevistada Djeni frequentou estádio, mas hoje, em virtude da pandemia e pela questão financeira, ela não frequenta. Classificou uma única linha de bem-estar que é a da etnia/cor, não sente desconforto, pois identifica-se como branca. Relatou que vivenciou uma situação de assédio dentro do estádio, de acordo com ela:

Assistindo jogo, uma das gandulas atrás da goleira era uma menina, mas uma menina de 12 anos, usando roupas largas de futebol, ela pegou a bola e devolveu e um cara na arquibancada perto de mim, assediou a menina. Eu reagi, chamei ele de doente mental, sem noção, fiquei transtornada. Eu vi que homem assediou a criança de 12 anos e eu fiquei muito brava, aí ficou um climão, o cara se escondeu e ficou quieto. Meu ex namorado que estava comigo falou que ia arrumar confusão, um exemplo de micro violências que eu já vivi. Muitas vezes os homens se intimidam com minha atitude. Isso me molda uma pessoa mais grossa e violenta.

A entrevistada Lorena é uma frequentadora assídua do estádio como mencionado abaixo de seu *Relief Maps* na figura 15 e relatou que passou por uma situação de assédio e classificou esse lugar como controverso, uma vez que a sua identificação do gênero é o que mais lhe deixa desconfortável.

A partir dos relatos das seis mulheres torcedoras, algumas delas têm receio de frequentar alguns espaços, algumas podem até ir, mas como bem mencionam, nunca estão sozinhas nesses lugares e ainda pensam em possibilidades de não ir com alguma roupa que chamaria a atenção.

Todas torcedoras mencionaram que nesses espaços (estádio, bares, rua, entorno do estádio) carregados de estigmas masculinos, elas performam de formas diferentes quando estão

sozinhas ou acompanhadas. As frequentadoras de estádio mais assiduamente comentaram que suas companhias são homens, mas também, fora do espaço do estádio, bares e outras localidades atribuídas nos mapas, também são em sua maioria são homens que as acompanham.

A entrevistada Mayara comentou que só tem uma amiga em seu círculo que acompanha futebol, mas é torcedora de outro time, time oposto ao dela, e por esse fim, não acompanham o esporte juntas. A rivalidade acaba pesando e sendo um impeditivo nesses casos. Algo que também é importante ser considerado é que esse tipo de desvalorização, constrangimento e desmerecimento para com as mulheres acontece de outra forma, que é questionar se a mulher sabe de fato o que é o futebol. Esse comportamento de alguns homens é presente e recorrente, onde para gostar de futebol a mulher precisa de fato provar que sabe sobre.

4.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Conforme citação trazida no capítulo de Gênero e Geografia, Silva (2009 apud Cesar, p. 37) menciona que compreender as ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico é poder reconhecer que estas características não são frutos do mero acaso e sim de uma determinada forma de conceber e de fazer a Geografia. Após ouvir e analisar o relato das entrevistas, também concluímos que não há acaso nos relatos. O machismo, os papéis de gênero e a interseccionalidades influenciam o modo como as mulheres frequentam e performam nos lugares.

Enquanto no *Relief Maps* citamos os lugares que as entrevistadas torcem/acompanham na vida adulta/presente, enfatizando as violências que sofreram, com a metodologia da análise de conteúdo iremos apresentar uma análise geral das seis entrevistas, as quais incluem as fases da infância e adolescência das mulheres torcedoras. De acordo com o prosseguimento da metodologia já citada nas notas metodológicas reunimos cinco categorias, as quais revelam dados condizentes com suas nomenclaturas. Vale destacar que todas as entrevistas tiveram as mesmas categorias, sendo elas:

- 1) Lugares em que torciam;
- 2) Influências;
- 3) Jogar e torcer;
- 4) Violências sofridas;
- 5) Soluções/ideias para a visibilização da mulher no futebol.

Para não ser redundante, na categoria lugar destacaremos apenas a infância e adolescência, uma vez que a vida adulta (também alguns relatos de violência sofridas na vida adulta foram considerados no *Relief Maps*) já foi destacada no subcapítulo anterior. A infância e a adolescência da maioria das torcedoras tiveram uma conexão com o futebol em relação ao torcer e a prática esportiva, apenas a Lorena teve um despertar tardio para com a esfera futebolística.

Na infância Bia, Caty, Mayara, Monica e Djeni assistiam futebol em suas casas. Monica ainda destaca que acompanhava futebol na casa de familiares e a Bia também citou o bar juntamente com a sua família. Já na adolescência, todas as entrevistadas acompanhavam os jogos em suas casas, porém, as entrevistadas Caty, Mayara e Monica também frequentavam bares e restaurantes com suas amigas.

Sobre a categoria das influências, o primeiro contato da maioria das entrevistadas foi através de influências masculinas, mas também citaram figuras femininas. A Bia se conectou com o futebol a partir do seu irmão como figura principal, mas sua irmã também participava. A Caty teve maior influência da família materna destacando o avô, padrinho e a avó. A Mayara destaca o tio e a sua mãe. A Monica teve como influência o avô, irmãos, tio, pai, mãe e tia. A Djeni citou a avó e pai. Lorena citou sua mãe e sua tia, exclusivamente a única torcedora que teve apenas influência de mulheres.

Para além disso, Mayara, de forma especial, cita a sua avó, que apesar de não a conhecer em vida, foi lhe passada uma superstição para a entrevistada.

Quando a minha vó olhava o jogo(...)ela ouvia pelo rádio e na rádio não tem como saber quem tá com a bola, o narrador vai falando e a minha vó sempre falava: “pé do Inter, pé do Inter”, então quando o narrador falava a bola tá em disputa, a bola tá no alto, minha vó fazia figurinha “pé do Inter, pé do Inter” pra ter a posse de bola....agora eu também.

Da mesma forma Djeni destaca que seu pai foi olheiro do Internacional, fazendo com que sua vivência fosse intensa no futebol desde sempre. Ela também cita a rivalidade Grernal na sua família, entre a sua avó e o seu pai. Ressaltamos que a relação da entrevistada é próxima ao futebol, por toda a sua família estar envolvida de alguma forma com o futebol. Inferimos que essa relação é diferenciada, ela traz uma paixão a mais. Nem todo torcedor(a) tem a oportunidade de estar tão perto do estádio e próximo ao clube. Essas relações costumam ser mais intensas em comparação a torcedores(as) que não moram na região metropolitana.

Em geral, a relação de jogar e torcer das entrevistadas são intensas e fazem parte de suas identidades, somente Bia afirma ter enfraquecido a sua relação com o futebol a partir da

adolescência, por não haver espaço para ela exercer seu gosto por futebol. Neste sentido ela identificou um não acolhimento por parte dos meninos da sua escola. Destacamos com isso que todas as entrevistadas tiveram algum desconforto de menor ou maior intensidade em alguma fase de suas vidas. Tal situação nos permite afirmar que o ato de torcer e jogar futebol para as mulheres sempre está relacionada com algum tipo de violência. Além disso, inferimos que a diferenciação de gênero está presente em todas as entrevistas, pois a trajetória de vida das mulheres torcedoras também está impregnada dentro de uma cultura de dominação masculina no futebol. É inevitável uma mulher torcedora não comparar as vivências entre homens e mulheres, diferentemente de um homem, que não precisa falar da mulher no futebol, pois sua vivência no futebol condiz com o seu espaço masculino, já a mulher torcedora pertence à um não lugar. Abaixo destacamos alguns relatos.

Acho que assim pra entrar nesse ambiente não é muito aberto para nós meninas, sabe, era sempre dos guris. (Relato da Bia).

[...] onde tinha uma bola eu tava. Por mais que me dissessem jogo de guris eu jogava também, porque eu queria ser jogadora de futebol quando eu crescesse. Então, sofria alguns comentários dos guris na quadra, mas como eu jogava bem, eles paravam e me escolhiam para jogar. (Relato da Caty)

[...] criança não tem amigo de outro gênero, o amigo da criança é o gênero dela, se tu é menino o amigo dele é o menino. Eu era a única menina que jogava [...] (Relato da Mayara)

[...] a gente ia pedir pra jogar, não era convocada, tu pedia pra jogar, tu queria...e eu até sempre tava ali no meio, aí os guris viam que jogava bem e tals, e aí chamavam mais frequentemente, mas no começo era bem complicado [...] (Relato da Monica)

[...] mas assim, que hoje né adulta eu identifico que era sim diferente óbvio pro meu irmão assim né, e era aquela coisa tipo assim ninguém nunca cobrou o meu pai e a minha mãe, tá ainda não vai jogar futebol? Mas o fulano né logo começou a jogar futebol, porque era isso, porque ele tinha que jogar futebol [...]

[...] Eu sempre fui a única menina jogando bola [...] (Relatos da Djeni)

Sobre jogar futebol, apenas Lorena não praticava com frequência. As entrevistadas Caty, Mayara, Monica e Djeni tiveram contato com a prática esportiva. A Djeni jogou desde a infância na escolinha de futsal do seu pai. Caty, Mayara e Monica tiveram suas vivências em bairro jogando bola na rua e em “campinhos”. Posteriormente na adolescência Caty, Mayara e Monica continuaram jogando futebol na escola. A entrevistada Monica menciona que a escola incentivava a prática esportiva das meninas, tanto que ganharam campeonatos. Já a entrevistada Bia, como já mencionado, teve dificuldade em continuar se inserindo na prática esportiva.

Outro elemento que apareceu nesta categoria foi o significado e a identificação do ser torcedora. Cinco das 6 mulheres torcedoras falam que a sua relação com o futebol é um

sentimento de paixão, de pertencimento com seus clubes, além de ser uma oportunidade de encontro com outras pessoas. Essas mesmas mulheres possuem uma forte conexão com o clube em que torcem. Apenas com a Bia não há um vínculo da mesma intensidade. Segue abaixo alguns relatos.

[...]Pra mim ser torcedora é tu querer teu time bem, tu querer um futebol bonito ou pelo menos um futebol dedicado. A gente ama o Internacional antes deles, com eles trabalhando lá ou depois deles. Então a gente quer que a pessoa que tá lá jogando, ela entenda nosso amor e vista a camisa[...] (Relato da Mayara)

É uma mistura de sentimentos, a gente acaba ficando fanático por aquilo e precisa daquilo a gente se comove [...] Então, tipo, eu teria... ser torcedora, né é ter uma relação contigo como uma razão sentimental literalmente, tu sente aquilo. Tu sente eles jogando, quando eles perdem, quando eles se machucam, eu acredito que seria isso. (Relato da Monica)

[...]Futebol é compartilhar momentos e paixões, futebol é tá ali e fazer parte, ser uma multidão, encontrar sentido no que faz como pessoa enquanto canta com outras pessoas[...]. [...]Pra mim não é nem só ser gremista, todo torcedor tem isso pelo seu clube, é uma expressão de amor, o estádio é um lugar onde eu encontro amigas gremistas que depois se tornaram outra coisa fora. Não me enxergo sem ser torcedora, se tirassem o futebol da minha vida eu não seria a mesma coisa, seria tri medíocre[...]. [...] É, essa identidade é isso, a questão familiar, um dos grandes jogos da minha vida foi o que eu fui com a minha mãe, do ponto de vista futebolístico teve mil jogos melhores, mas eu estava lá com a minha mãe, e é isso que importa, é isso que eu vou lembrar, eu já vi vários jogos melhores, mas esse eu nunca vou esquecer. Pela companhia, pela história, pelo momento. (Relato da Lorena)

Afirmamos com esses relatos que as mulheres, para além do silenciamento no futebol perante o seu gênero, ainda resiste uma vontade de torcer e estar se fazendo presente em diversos espaços e criando suas trajetórias significativas.

Conforme a doutora em Literatura, Costa (2007, p. 1) a mulher torcedora vem se configurando em um papel feminino muito comum e principalmente a manifestação ocorre em presença física como os estádios até os meios virtuais, como redes sociais onde se tem grandes alcances.

Na categoria sobre as violências que sofreram, as mulheres torcedoras identificaram principalmente o sentimento de insegurança e medo em locais públicos, além de alguns relatos de assédio. As entrevistadas Mayara e Monica mencionaram que tiveram apelidos pejorativos de jogadores profissionais homens na infância e na adolescência enquanto jogavam futebol. As entrevistadas Caty, Djeni e Lorena mencionam pensar nas roupas que vão usar antes de frequentarem esses espaços masculinizados. As torcedoras Caty, Mayara, Monica, Djeni e Lorena mencionam terem ouvido desde a infância até a vida adulta comentários machistas que são suavizados com piadas, causando nelas um sentimento de inferioridade nesses espaços.

[...] até meu apelido quando eu jogava era “loco abreu”, mas sempre vista como inferior ou no lugar errado, fazendo a coisa errada que era jogar bola [...] (Relato da Mayara)

“Olha, uma guria veio assistir o jogo”, “que linda ela está com a camiseta do Grêmio” esses tipos de comentários, cantadinhas baratas que deixam a pessoa desconfortável. (Relato da Caty)

As entrevistadas Caty, Mayara, Monica e Djeni afirmam que por jogarem futebol eram tratadas de uma forma pejorativa, da mesma forma, essas torcedoras contam que eram vistas como meninos, por pouco performarem uma feminilidade padrão. De modo especial, a entrevistada Mayara afirma que por conta disso na sua adolescência era difícil gostar de futebol. O afastamento aumentou quando ela passou a se entender como lésbica, ela não queria se assumir e tentava se afastar do futebol e tudo que representava a masculinidade. A maioria delas também relaram o sentimento de medo²⁸, mudando os seus comportamentos, principalmente para evitarem algum tipo de violação. As torcedoras, como bem falado acima, relataram a questão de não performar a feminilidade ou aquilo que se é esperado de corpos generificados. Costa (2007, p. 21) comenta que “no Brasil, assim como a maioria das mulheres que demonstram uma ligação de proximidade e familiaridade com o futebol, recai sobre muitas torcedoras uma certa desconfiança quanto a sua feminilidade”.

Com isso, reunimos a categoria “Soluções/ideias para a visibilização da mulher no futebol”. As entrevistadas reconhecem o futebol como um espaço para a mulher, neste sentido elencam algumas considerações para a igualdade de gênero. A entrevistada Bia compreende que as mulheres devem ter seu próprio espaço para torcer, considerando um lugar que seja de pertencimento e não de violência. A entrevistada Caty, Mayara e Djeni mencionam a jogadora Marta como uma das maiores influências do futebol feminino, além de cumprir uma posição de representatividade feminina. Apesar disso, as entrevistadas Mayara e Djeni falam que ela não é valorizada da mesma maneira que os homens são. Mayara também cita a importância da representatividade de mulheres comentaristas e narradoras na grande mídia. Como solução para a igualdade no futebol, as torcedoras Caty e Djeni defendem a não separação de gênero nos esportes escolares, sendo que os (as) professores (as) de educação física podem incentivar a organização por times mistos.

Combater a violência é uma reeducação geral da sociedade, porque a gente sabe que é um meio machista, é um meio baixo às vezes, um meio vil, onde o discurso é um discurso de superioridade física, onde se coloca que ser hétero é ser superior, e diminui a torcida adversária com cantos machistas, homofóbicos, fascistas inclusive, então é um meio que acaba polarizando o pensamento de uma maneira a criar uma separação, então acredito em uma educação desde criança, onde temos que oferecer

²⁸ Esses relatos estão apresentados no subcapítulo 4.1 e 4.2

o futebol para todas as crianças da mesma maneira, independente de gênero. (Relato da Katy)

Já a Lorena, aposta na comunicação dos clubes através de campanhas institucionais de conscientização contra as violências no futebol. A torcedora comenta que cabe a geração dela e as mais jovens de não reproduzir que futebol é coisa de homem. Precisa ter um esforço na escola, com os amigos, em casa. A mesma defende que é preciso ter uma cobrança nos clubes, para incentivar meninas a jogarem em escolinhas.

Em relação as metodologias utilizadas para constatar o machismo nas trajetórias de vida dessas seis mulheres torcedoras, se mostrou positiva, uma vez que foi necessário fragmentar as análises, visto que o que se consegue visualizar em uma, em outra não há possibilidade.

Grande parte dos relatos, revelam a figura masculina como responsáveis por abusos diretos ou indiretos de ordem psicológica, moral ou de assédio físico. O machismo acontece em diferentes escalas, mas ainda assim não deixa de ser. As desigualdades de gênero afetam as mulheres desde antes de nascermos e frequentar espaços tidos como masculinos, evidencia as relações de poder, as desigualdades de gênero e a necessidade de criar espaços de luta e de acolhimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o futebol é um fenômeno presente na vida de milhares de brasileiros, e efetivamente, também é extremamente presente na vida das brasileiras. Apesar das desigualdades exacerbadas de gênero, com um machismo enraizado e perpetuado nas bases da sociedade oriental e ocidental, pudemos perceber que, apesar de tantos impeditivos e não-incentivos para mulheres ocuparem esse espaço do mundo do futebol, através da luta conjunta, as mulheres conseguiram construir sua história com o esporte, seja torcendo ou jogando, e a cada dia, um pequeno passo é avançado. Esse esporte que veio da Europa, se distribuiu nesse território tão imenso, que depois de anos ficou conhecido como o país do futebol. O país do futebol, de início não democratizou a prática esportiva para todos os grupos, tampouco fazia-se questão de ter presente mulheres, pobres e pretos. Mas apesar das desigualdades impostas, mulheres e outros grupos que queriam fazer parte, foram lutando e construindo suas relações afetivas nesse espaço.

Visualizamos, através de Massey (2008) que os espaços são pluralizados, qualquer pessoa pode construir sua trajetória, principalmente com outros grupos de pessoas também pluralizadas. E, ainda, a autora considera que o espaço está sempre em um eterno processo de construção. O futebol coexiste nesse espaço geográfico que não é um sistema fechado e sobretudo, reproduz a sociedade e seus ideais, que por muitas vezes estão longe de serem certas. Por essa razão, que o futebol deve ser um espaço politizado e deve ser debatido dentro da academia, uma vez que o futebol sendo o reflexo da sociedade dentro e fora das quatro linhas, por que não academizar o debate? Como apontado por Silva (2009), a Geografia carrega diversos silêncios no que se refere a estudar o conceito de Gênero e outros temas interseccionais. É um tema relativamente novo quando se compara e estuda toda a história da ciência geográfica, mas vem crescendo e quanto mais pessoas estudarem e debaterem, mais referências teremos, e assim, redes de influência vão se criando. Além do mais, num primeiro momento, tanto como justificativa dessa pesquisa, foi necessário entender como a Geografia visualiza a junção dos temas de Geografia x Gênero x Futebol e uma vez que não foi encontrado nada referente as temáticas na busca exploratória em teses e dissertações no portal da CAPES, se tornou ainda mais necessário. Falar de gênero, é trazer a realidade para a universidade.

Através das entrevistas com as seis mulheres torcedoras da dupla Grenal, relatos tristes foram contados, mas também histórias bonitas foram trazidas, principalmente o significado profundo que o esporte ocupa e se manifesta/manifestou em cada trajetória

única, desde a infância até os dias presentes. Muitas pessoas se identificam através das cores de um clube, entretanto, essa identificação nunca é igual para todos e todas, cada pessoa tem sua própria história. O futebol está presente no dia a dia de milhares de famílias brasileiras, está presente em diversas classes, em diversos povos e diversas mulheres.

Com a técnica *Relief Maps* de Rodó-de-Zárate (2014), foi possível visualizar as desigualdades de gênero, de etnia, de idade, de renda e de orientação sexual que as mulheres sofrem nos lugares estigmatizados como masculinos, e principalmente, foi entender que enquanto mulheres precisamos pensar meticulosamente cada passo dado, cada roupa que será usada, cada ação que será conduzida. Através das linhas que foram geradas através das classificações das torcedoras, pudemos perceber também que por vezes um mesmo espaço vai se manifestar de forma diferente para outra pessoa. Com a Bardin (1977), a análise de conteúdo foi necessária, uma vez que categorizamos as entrevistas e buscamos entender principalmente os relatos do bloco da infância, adolescência e vida adulta (apenas não abarcando a parte das violências, uma vez que foi tratada no *Relief Maps*) no que compete as categorias de lugares, influências, jogar e torcer, violências sofridas e soluções/ideias para a visibilização da mulher no futebol. Com a feitura das categorias, conseguimos visualizar os relatos das mulheres torcedoras nessas categorias e fazer comparativos entre seus relatos.

Percebemos que cada mulher torcedora teve uma vivência diferente da outra, mas em que vários pontos foram semelhantes, um deles sendo infelizmente que todas tiveram um relato sobre alguma violência sofrida seja qual grau de intensidade for. Algo relevante a se ponderar é que uma das entrevistadas tinha uma grande conexão com o esporte, mas a falta de incentivo na escola e as violências que sofreu em relação ao seu corpo dito como não padrão, acabou a afastando desse meio, fazendo com que a mesma acompanhe bem mais distante do que gostaria. Com isso, foi constatado que ainda se perpetua em escalas diferentes o machismo e as desigualdades de gênero. Ainda se carrega o estigma de espaços masculinizados e a esfera do futebol ainda é um deles.

As seis torcedoras trouxeram espaços diferentes que as mesmas frequentam, mas o que interfere e que pode ser alinhado ao pensamento de Massey (2008) são os grupos que ali estão. Diversas pessoas frequentam os espaços que as torcedoras trouxeram (bares, estádios, ruas, casa de amigos, familiares, casa própria e etc) e o que fez diferença em quase todo relato que foi trazido, era quem ali estava construindo o espaço pluralizado.

Precisamos que cada vez mais nossa luta seja visibilizada e principalmente ouvida. O futebol como bem apontado pelas mulheres torcedoras entrevistadas, é um espaço que

as mulheres podem e devem ocupar. Com isso, trazendo a possibilidade de discutir essa temática no meio acadêmico, possibilita a inserção de outras pessoas em uma esfera que por vezes não é dada atenção. Precisamos também que a educação seja cada vez mais efetiva no que diz respeito a debater gênero em espaços escolares, através da licenciatura ou de programas de educação que permite o graduando se inserir na escola.

Debater gênero não é ideologia, debater gênero é conseguir identificar o porquê um menino pode e é incentivado a gostar de futebol e uma menina não. É identificar micro violências sofridas pelas mulheres antes mesmo de elas se inserirem na sociedade. Além do mais, é saber que podemos denunciar o que nos acontece, principalmente nesses espaços onde a categoria masculina é dominante.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Paulo. **Olímpiadas: Qual salário da Marta, jogadora da seleção brasileira de futebol?** 2021. Disponível em: <https://fdr.com.br/2021/07/21/olimpiadas-qual-salario-da-marta-jogadora-da-selecao-brasileira-de-futebol/>. Acesso em: 26 jan de 2022.

ARAÚJO, Daniela Torres de. **Lugar de mulher é no futebol: Dulce Rosalina e a representatividade feminina nas torcidas.** 2019. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ARAÚJO, Mayara de. A mulher e o futebol: de acompanhante a torcedora. **Ludopédio**, São Paulo, v.140, n.51, 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70, 1977. 93- 150p.

BEZERRA, Marcio Ferreira; LUNA, Camilla. Uma análise sobre as mulheres em consumir futebol. **Cpmark**, Piracicaba, v. 5, n. 3, p. 61-74, dez. 2017.

BRASIL, Lei nº 3.199, de 14 abril de 1941. Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, RJ, 1941.

BRESQUE, Gabriel Alves. **Virilidade e produto midiático: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho.** 2020, 125 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

BRETÃO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bretao/>. Acesso em: 26 jan de 2022.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. In: **Theatre Journal**, [s. l], v. 40, n. 4, p. 519-531, dez. 1988.

Campeonato Brasileiro. Quadro de medalhas, s.d. Disponível em: <<https://www.quadrode medalhas.com/futebol/campeonato-brasileiro/historia-do-campeonato-brasileiro-de-futebol.htm>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

CAMPOS, Fernando Rosseto Gallego. Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 1, 2006, Curitiba. Anais [...] Curitiba: 2006, p. 1 – 14.

_____. O espaço de representação do futebol: uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. **R. Ra'É Ga**, Curitiba, n. 11, p. 35-49, 2006.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013.** 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

Copa do Brasil de Futebol. **Quadro de medalhas**, s.d. Disponível em: <<https://www.quadrodemedalhas.com/futebol/copa-do-brasil/historia-da-copa-do-brasil-de-futebol.htm>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

Copa Libertadores da América. **Museu do futebol**, s.d. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/eventos/605047/#:~:text=Torneio%20anual%20envolven,do%20clubes%20sul,e%20competi%C3%A7%C3%B5es%20classificat%C3%B3rias%20ao%20torneio.>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188. ISSN 1806-9584.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, [s. l], v. 4, n. 2, p. 1-31, 2007.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS, 2002. 159 p.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, v. 3, p. 81-85, 1980.

Flamengo é time mais popular do Brasil. **Data Folha**, 2019. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/09/1988413-flamengo-e-time-mais-popular-do-brasil.shtml>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

FIFA. **Museu do futebol**, s.d. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/497205/>. Acesso em: 26 jan de 2022.

Fifa reconhece o Grêmio como campeão mundial de 1983. **Gauchazh**, 2021. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2017/10/fifa-reconhece-o-gremio-como-campeao-mundial-de-1983-cj99q5s5900ii01lcjphslv03.html>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

Fundação. **Gremio.net**, s.d. Disponível em: <<https://gremio.net/conteudo/index/44>>. Acesso em: 26 jan de 2022.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. 3. ed. Porto Alegre: L&Pm, 2004. 264 p.

GÊNERO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. Acesso em: 13 maio de 2021

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. 248 p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, [s. l], v. 13, p. 100-112, dez. 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. **Folia / Ufmg**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 28-43, 4 abr. 2017. Universidade Federal de Minas Gerais - Pro-Reitoria de Pesquisa. <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.2.1.28-43>.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: [S.N], 2012. 42 p. Disponível em: https://www.dive.sc.gov.br/conteudos/agravos/publicacoes/ORIENTACOES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_GENERO_CONCEITOS_E_TERMOS_2_Edicao.pdf. Acesso em: 13 maio 2021.

LINDO, Paula. **O mapa da pesquisa de gênero na Geografia brasileira (2010 a 2019): sistematização e análise**. Revista da ANPEGE, 2021.

LORDELLO, Vinícius. **Internacional foca em ações para mulheres e vê aumento do público feminino no quadro de sócios**. 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/esporte-executivo/internacional-foca-em-acoes-para-mulheres-e-ve-aumento-do-publico-feminino-no-quadro-de-socios/>. Acesso em: 7 maio 2021.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

OLIVEIRA, Camila Guterres Casses de. **Futebol e mulher: invisibilidade, erotização e bate bola**. In: GUAZZELLI et al. (Org.); *Á sombra das chuteiras meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...)*, 2021.

PATRIARCADO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/patriarcado/>. Acesso em: 13 maio 2021.

Presidente da CBF anuncia diárias iguais a homens e mulheres nas seleções e premiação igual os jogos. **GE Globo**, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/presidente-da-cbf-anuncia-diarias-iguais-a-homens-e-mulheres-nas-selecoes-e-premiacao-igual-nos-jogos.ghtml>. Acesso em: 25 fev de 2022.

RODÓ-DE-ZÁRATE, María. Desenvolvendo as geografias da interseccionalidade com mapas de relevo da experiência (*relief maps*): reflexões de uma pesquisa sobre a juventude em Manresa, Catalunha. Tradução de Costa. *Gender, place & culture*, v. 21, n. 8, p. 925-944, 2014.

Seleção Feminina dos Estados Unidos alcança acordo para receber premiações iguais à masculina. **GE Globo**, 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2022/02/22/selecao-feminina-dos-estados-unidos-alcanca-acordo-de-equal-pay-com-a-federacao.ghtml>. Acesso em: 25 fev de 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Joseli Maria. (Org). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra Editora, 2009. 313 p. Disponível em: <https://www.todapalavraeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/04/E-book.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

SILVA, Joseli Maria; NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio José. **A visibilidade e a invisibilidade feminina na pesquisa geográfica: uma questão de escolhas metodológicas.** In: SILVA, Joseli Maria (Org.); Espaço, Gênero e Feminilidades ibero-americanas, 2011.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes. **Journal of Latin American Geography**, v. 19, n. 1, p. 163-171, 2020.

SOUZA, Djalma Oliveira de; RIBEIRO, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante. Mulheres no mundo do futebol: restrições e representações. *Ludopédio*, São Paulo, v. 137, n. 22, 2020.

TEIXEIRA, Renata de Andrade. **A mulher no futebol: O bullying e o cyberbullying no contexto de gênero.** 2016. 63 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum:** para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. Disponível em: https://trechos.org/wp-content/uploads/2020/10/Feminismo-em-comum-www.trechos.org_.pdf. Acesso em: 01 maio 2021.

TREVISAN, Márcio. **A história do futebol para quem tem pressa.** Rio de Janeiro: Editora Valentina, 2019. 200 p.

APÊNDICE A – Trabalhos listados através da pesquisa do termo futebol

Tese/Dissertação	Título	Autoria	Instituição	Ano
D	A Rede Urbana Pan-Amazônica E A Copa Do Mundo De 2014: Os Impactos Nas Cidades De Tabatinga (Br) E Leticia (Col)	Alex Butel Ribeiro	UFAM	2015
T	“O Maraca é Nosso!”: neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã	Demian Garcia Castro	UFRJ	2016
D	Grandes Projetos Urbanos: Vetores De Desigualdade Socioespacial? Análise Prospectiva Dos Impactos E Legados Socioespaciais Da Copa De 2014 Em Curitiba.	Elena Justen Brandenburg	UFF	2014
T	O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã	Fernando da Costa Ferreira	UERJ	2017
D	Além das quatro linhas: o futebol no ensino de geografia	Flavio Lopes Holgado	UFRGS	2013
D	A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha	Glauco Roberto Goncalves	USP	2011
T	A produção espetacular do espaço: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014	Glauco Roberto Goncalves	USP	2016
T	O Contexto Climático e a Termorregulação Humana: Um Estudo Em Treinos De Futebol	Ialuska Guerra	UNESP	2013
D	A Representação Social da Copa do Mundo de Futebol da FIFA 2014 em Curitiba - Paraná	Izac De Oliveira Belino Bonfim	UFPR	2012
T	Representações Em Jogo No Fenômeno Sociocultural Da Copa Do Mundo De Futebol Da FIFA 2014 Na Cidade De Curitiba/Paraná	Izac De Oliveira Belino Bonfim	UFPR	2017
D	Desenvolvimento sustentável e empreendedorismo urbano: convergências discursivas no modelo de planejamento urbano para os grandes eventos esportivos na cidade do Rio de Janeiro	Jeferson Alexandre Pereira Pontes	UERJ	2013

D	O mito do desenvolvimento e a (re)produção de cidades: estudo de caso, a cidade da Copa em Pernambuco – Brasil	Lea De Barros Cavalcanti	PUC/SP	2014
D	A terceira modernidade urbana e o setor terciário : como Porto Alegre (RS, Brasil) está se preparando para receber a copa do mundo de 2014	Mariana Aita Dadda	UFRGS	2014
D	A Copa do Mundo de 2014: Brasil entre cidades de exceção e cidades rebeldes	Mauricio Costa De Carvalho	USP	2015
D	Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos sobre a globalização do futebol	Paulo Miranda Favero	USP	2009
D	Variações Da Temperatura E Umidade Relativa Do Ar E O Uso Do Solo Urbano Para Copa De 2014 Em Cuiabá/MT	Rafaelly Yasmine Da Silva	UFMT	2016
D	A metrópole e os mega-eventos. Implicações socioespaciais da copa do mundo de 2014 em Fortaleza.	Rodolfo Anderson Damasceno Gois	UFC	2013
T	Reflexões sobre o território do futebol e a Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil	Telma Darn	UNESP	2011
T	Lugares E Territórios Na Cultura Do Futebol Brasileiro	Venilson Luciano Benigno Fonseca	UFMG	2014
D	A Geografia Do Futebol Brasileiro: Esporte E Relações Político-Econômicas	Wesley Ferreira De Souza	UEM	2017
D	Franquias em campo: uma leitura geográfica sobre a mercantilização do futebol	William Jorge Ferreira Santos	USP	2015

APÊNDICE B – Termo de esclarecimento



Ministério da Educação
Universidade Federal da
Fronteira Sul

CNPJ: 11 234 780/0001-50
Av. Dom João Hoffmann, 313
Bairro Fátima
Fone: (54) 3522 6613/6598
99700-000 Erechim
Rio Grande do Sul – Brasil

www.uffs.edu.br



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

UFFS - *Campus Erechim*

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Erechim – RS, 07 de fevereiro de 2022.

Prezada,

Eu, **Stéfany Pereira**, aluna do curso de Geografia – licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Erechim venho solicitar sua autorização para realizar esta entrevista, para o trabalho de conclusão de curso sob o título: O machismo na trajetória de vida de seis mulheres torcedoras da dupla grenal orientado pela professora Dr^a. Paula Vanessa de Faria Lindo.

Esta atividade não apresenta riscos aos sujeitos participantes, pois os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos entrevistados como nome, endereço e outras informações pessoais.

Espera-se com esta pesquisa, (*compreender como as estruturas e bases machistas de nossa sociedade se manifestam nas trajetórias de grupos de mulheres (de idade, etnia, orientação sexual distintas) torcedoras que fazem parte do universo futebolístico do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional*). Qualquer informação adicional poderá ser obtida através do contato com a professora Paula Lindo pelo e-mail paula.lindo@uffs.edu.br.

A participação será voluntária, agradeço pela contribuição.

Stéfany Pereira

(Matricula 1715712028)

Estudante do curso de Geografia – Licenciatura



APÊNDICE C – Perguntas da entrevista

Primeiro bloco – Perfil da entrevistada

Pergunta 01: Entender quem é a entrevistada. Nesse ponto conheceremos mais da vida da mesma, desde sua orientação sexual, etnia, idade, com o que trabalha/estuda, onde mora, renda e sua identificação clubística. Quais lugares frequenta para acompanhar o futebol e seu clube?

Segundo bloco - Relação com o futebol na infância: Identificar o machismo e violências sofridas

Pergunta 02: Como a entrevistada se conectou com o futebol? Quais foram suas influências? Houveram figuras masculinas de influência? Sim? Não? Quem foram?

Pergunta 03: Jogava futebol enquanto criança? Se sim, quem participava? Se não, qual motivo fazia a entrevistada não jogar bola?

Pergunta 04: Era comum jogar futebol e/ou assistir? Quais lugares frequentava?

Terceiro bloco – Relação com o futebol na adolescência: Identificar o machismo e violências sofridas

Pergunta 05: Construção de sua sexualidade e a relação com o futebol. Como a entrevistada se conectou com o futebol nesse período? Quais foram suas influências? Houveram figuras masculinas de influência? Sim? Não? Quem foram?

Pergunta 06: Jogava futebol na adolescência? Se sim, quem participava? Se não, qual motivo fazia a entrevistada não jogar bola? E onde?

Pergunta 07: Quem eram suas companhias para acompanhar ou jogar futebol? Quais lugares frequentava?

Pergunta 08: Já havia consciência das violações que sofria quando jogava e/ou assistia futebol? De que tipo?

Quarto bloco - Relação com o futebol na vida adulta/presente: Identificar o machismo e violências sofridas

Pergunta 09: Como é a relação do futebol na sua vida atualmente? A partir de suas experiências, como você define o que é ser uma torcedora?

Pergunta 10: Diante de tantos exemplos de violências contra as mulheres dentro do futebol, que tipo de violência você já vivenciou? Gostaria de relatar como lidou com essas dificuldades?

Pergunta 11: Quais lugares você frequenta para acompanhar futebol? Você percebe ser necessário mudar de comportamento em determinados lugares (públicos ou privados), para evitar alguma violação? Quais são suas companhias para esses espaços públicos/privados?

Pergunta 12: Você já presenciou algum tipo de violência contra alguma torcedora? Como você reagiu? Procurou ajuda?

Pergunta 13: Pensando na possibilidade de sermos protagonistas de ações contra violência, o que você pensa que poderia ser feito para combater a violência e atrair mais mulheres para o mundo futebolístico? (Propaganda, ações internas e externas dentro dos clubes, movimentação de reeducação das torcidas organizadas, poder público envolvendo a segurança)